



CATOLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

“Há Alguém na Terra”
Projeto de curta-metragem
Realização e Montagem

Relatório de Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Som e Imagem

Maria Canela Lopes Monteiro da Silva

Porto, julho de 2019



CATOLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

“Há Alguém na Terra”
Projeto de curta-metragem
Realização e Montagem

Relatório de Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de Mestre em Som e Imagem

- Especialização em -

Cinema e Audiovisual

Maria Canela Lopes Monteiro da Silva

Trabalho efetuado sob a orientação de

Daniel Ribas

Porto, julho de 2019

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este projeto à minha família e aos meus amigos, mas em especial às minhas colegas de equipa, Francisca e Joana, com quem partilhei muitas horas de intenso trabalho, momentos únicos e inesquecíveis ao longo destes dois anos de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Francisca Magalhães e à Joana Tato Borges, pela amizade, pelo espírito de equipa, pela cumplicidade e pela solidariedade das “noites mal passadas”. A dedicação e a disponibilidade que demonstraram ao longo de todo o ano fez com que crescêssemos como grupo e artistas.

Agradecimentos ao nosso Orientador Professor Daniel Ribas por acreditar no projeto desde o início, ser o nosso pilar ao longo ano e nos “aturar” em todas as nossas crises existências.

Agradecimentos à Gabriela Silva e ao Sr. Mário por toda ajuda, apoio e carinho com que nos receberam, tornando-se a nossa família na Ilha das Flores.

Agradecimentos a todos os Florentinos que nos receberam com enorme simpatia e nos acolheram e ajudaram ao longo desta viagem.

Agradecimentos a toda a equipa, composta pelo Artur, pelo Chaves, pelo Bernardo e pelo Professor Ricardo, que estiveram diretamente envolvidos no projeto e que contribuíram para realização do filme que sempre idealizamos.

Agradecimento ao João Salaviza, que com a sua enorme experiência colaborou connosco de forma a que o projeto crescesse com melhores resultados.

Agradecimentos aos meus pais e irmã por me apoiarem em todos os momentos e decisões da minha vida.

Agradecimentos às minhas amigas, pelo entusiasmo, amizade e paciência que sempre tiveram comigo.

Agradecimentos a toda a minha família e pessoas que de algum modo apoiaram a realização do trabalho.

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| RESUMO | 9 |
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Objetivos e Motivação | 10 |
| 1.2 Sinopse do Projeto | 10 |
| 1.3 Descrição do Projeto..... | 10 |
| 1.4 Informações Técnicas | 11 |
| 1.5 Equipa do projeto | 11 |
| 1.6 Metodologia..... | 12 |
| 1.7 Cronograma | 13 |
| 2. ENQUADRAMENTO..... | 14 |
| 2.1 Pesquisa e referências..... | 14 |
| 2.2 Arquipélago do Açores..... | 14 |
| 2.3 Simbologia Visual - Farol | 16 |
| 2.4 Filmografia e Pesquisa Literária..... | 17 |
| 2.5 Montagem Adoptada..... | 21 |
| 3. HISTORIAL DE PRODUÇÃO..... | 23 |
| 3.1 Pré-Produção | 23 |
| 3.1.1.1 Répérage | 23 |
| 3.1.1.2 Apoios e Financiamento | 26 |
| 3.1.1.3 Orçamentos e Logística | 26 |
| 3.1.2 Construção do argumento e storyboard | 28 |
| 3.1.3 Preparação da segunda viagem: apoios e parceiros | 30 |
| 3.2 Produção..... | 31 |
| 3.2.1 Segunda viagem: rodagem | 31 |
| 3.2.2 Captação de Som | 32 |
| 3.3 Pós-Produção | 34 |
| 3.3.1 Processo da Montagem..... | 34 |
| 3.3.1.1 Criação de <i>Proxys</i> | 34 |

| | | |
|--------------------------|--|-----------|
| 3.3.2 | Montagem..... | 35 |
| 3.3.3 | Ajustes no DaVinci Resolve..... | 41 |
| 3.3.4 | Sonoplastia e Música | 41 |
| CONCLUSÃO | | 43 |
| FILMOGRAFIA..... | | 45 |
| BIBLIOGRAFIA..... | | 46 |
| APÊNDICE A | | 47 |
| | Locais mais icônicos da Ilha das Flores | 47 |
| APÊNDICE B | | 48 |
| | Habitantes entrevistados | 48 |
| APÊNDICE C | | 49 |
| | Dossier 1ª viagem – comparação Ilha Terceira com Ilha das Flores | 49 |
| APÊNDICE D | | 51 |
| | Orçamentos: 1ª viagem..... | 51 |
| | Orçamentos: 2ª viagem..... | 51 |
| APÊNDICE E | | 52 |
| | Construção da personagem | 52 |
| APÊNDICE F..... | | 53 |
| | Primeiro Argumento - Guião..... | 53 |
| APÊNDICE G | | 55 |
| | Storyboard..... | 55 |
| APÊNDICE H..... | | 60 |
| | E-mail Direção de Faróis | 60 |
| APÊNDICE I | | 61 |
| | Cartaz | 61 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Arquipélago dos Açores..... | 14 |
| Figura 2: Farol da Ponta do Cintrão | 15 |
| Figura 3: Farol da Ponta do Arnel | 15 |
| Figura 4: Farol da Ponta de Albarnaz..... | 15 |
| Figura 5: Still 1 do filme “Há Alguém na Terra” – o farol | 16 |
| Figura 6: Still 2 do filme “Há Alguém na Terra” – o farol | 16 |
| Figura 7: Stills do filme Balaou..... | 17 |
| Figura 8: Stills do filme Flores | 17 |
| Figura 9: Stills do filme Sweetgrass | 17 |
| Figura 10: Stills do filme Ilha do Milharal | 19 |
| Figura 11: Stills do filme Hálito Azul | 19 |
| Figura 12: Stills do filme O Cavalo de Turim | 20 |
| Figura 13: Stills do filme A Árvore da Vida | 20 |
| Figura 14: Stills do filme As Quatro Voltas | 21 |
| Figura 15: Calendário diário da primeira viagem – com alterações dos imprevistos..... | 24 |
| Figura 16: Perguntas e temas base das entrevistas aos habitantes das ilhas..... | 25 |
| Figura 17: Calendário de Produção | 27 |
| Figura 18: Mapa de trabalho de um dia..... | 27 |
| Figura 19: Fotografias do Sr. Mário | 28 |
| Figura 21: Print da criação de proxys no Adobe Media Encoder..... | 34 |
| Figura 20: Print da importação das pastas de filmagem para o Adobe Premiere Pro | 34 |
| Figura 22: Print da janela de sequências | 35 |
| Figura 23: Still 3 do filme “Há Alguém na Terra” – formato 2.35:1 | 35 |
| Figura 24: Still 4 do filme “Há Alguém na Terra” – haikus introdutórios..... | 36 |
| Figura 25: Still 5 do filme “Há Alguém na Terra” – close up da personagem..... | 37 |
| Figura 26: Still 6 do filme “Há Alguém na Terra” – plano geral no poço | 37 |

| | |
|--|----|
| Figura 27: Still 7 do filme “Há Alguém na Terra” – plano geral no farol..... | 38 |
| Figura 29: Still 9 do filme “Há Alguém na Terra” – plano da mosca | 38 |
| Figura 28: Still 8 do filme “Há Alguém na Terra” – plano do gato | 38 |
| Figura 30: Still 10 do filme “Há Alguém na Terra” - plano da vaca..... | 39 |
| Figura 31: Stills 11 e 12 do filme “Há Alguém na Terra” – plano núvens e montanhas | 39 |
| Figura 32: Stills 13 e 14 do filme “Há Alguém na Terra” – primeiro e último plano..... | 39 |
| Figura 33: Stills 15, 16 e 17 do filme “Há Alguém na Terra” – planos dos caminhos | 40 |
| Figura 34: Print da exportação em formato OMF | 40 |
| Figura 35: Print do programa - Logic Pro X - usado pelo Artur | 42 |

GLOSSÁRIO

Foleys – termo técnico usado para a reprodução de efeitos sonoros complementares de um filme na fase de pós-produção de forma a melhorar a qualidade de áudio.

Storyboard – é apresentação sequencial da história com uma série de imagens com o objetivo de programar o filme para ser seguido na fase de produção.

Découpage – é o termo usado para o ato de cortar para fazer um planeamento da filmagem, de forma a pré-visualizar como os planos vão se interligar através dos cortes.

Réperagé – termo técnico usado para a procura dos melhores locais de filmagem para o filme

Highlight – termo usado para remeter para o brilho e o realce da filmagem - são os pontos onde há realce de luz na composição da filmagem.

Denoise – corresponde à redução ou eliminação do ruído/grão na filmagem.

Aspect Ratio – corresponde à proporção da largura e altura de uma imagem.

Voice over – termo usado para a técnica de produção em que uma voz que não faz parte da narrativa é ouvida durante o filme, como uma narração.

RESUMO

Este relatório tem o objetivo de apresentar todo o processo criativo e teórico da curta-metragem “Há Alguém na Terra”, desenvolvida no âmbito do Mestrado de Som e Imagem, especialização Cinema e Audiovisual. Ao longo do documento será apresentado o trabalho realizado, desde o nascimento da ideia e escolha do local, até à reformulação do argumento na fase de montagem.

Esta curta-metragem foi desenvolvida durante o último ano do Mestrado e tornou-se muito importante não só pelo seu resultado final, mas por toda a experiência vivida durante o ano e a forma como o projeto se foi transformando. Filmar nos Açores – Ilha das Flores - fez com que as autoras saíssem do conforto, conhecessem a comunidade florentina, diferentes realidades e formas de viver. Por ser uma reflexão individual, neste documento o leitor ficará a perceber que o filme é composto por um conjunto de interpretações e significados que foram desenvolvidos desde a sua fase inicial de produção até à fase final do processo de montagem.

Este documento descreve o processo de pesquisa nos Açores, a simbologia, a filmografia e inspirações literárias em que o filme se baseou, bem como um pequeno estudo sobre a montagem adaptada no projeto final.

Palavras Chave: Curta metragem, Realização, Produção, Montagem, Açores

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos e Motivação

“Há Alguém na Terra” é um filme criado por três colegas, Francisca Magalhães, Joana Tato Borges e a autora deste relatório, que desde o início tinham vontade de trabalhar em conjunto e desenvolver um filme com uma vertente documental que contasse uma história forte e que de alguma forma fizesse o espectador refletir sobre a sua própria vida.

A maior motivação da autora para embarcar neste projeto foi o desafio de sair da sua zona de conforto e se debater com novas e diferentes funções. Para além da vontade de filmar a curta fora do continente, focar-se nesta vivência de forma mais profunda.

Um dos principais objetivos pessoais deste projeto foi a aprendizagem e a solidificação de conhecimentos da montagem – tanto a nível mais prático como aprofundar a parte mais narrativa da montagem - bem como lidar com todas as fases da produção que uma curta-metragem requer.

O grande objetivo da realização deste projeto foi criar algo que fosse uma reflexão individual acerca do sentido e o ciclo da vida. A vontade de criar um filme simples, emotivo, focado na solidão, no passado e nas memórias, com analogias entre a vida e a morte.

1.2 Sinopse do Projeto

O dia já vai longo e a canção do pardal é cada vez mais fraca. A chegada da noite será sempre um desconsolo.¹

1.3 Descrição do Projeto

“Há Alguém na Terra” é um filme de carácter poético sobre um homem, um lugar e a relação profunda entre os dois.

Sem definição de espaço ou tempo, o projeto retrata a solidão, o ciclo da vida e a inerente contradição que esta carrega, usando o farol como um símbolo de um fim inevitável para o qual todo o ser vivo caminha.²

¹ Sinopse poética usada para fins de promoção do filme, feita em conjunto pelas realizadoras

² Descrição escrita em conjunto pelas realizadoras e usada pelas três

1.4 Informações Técnicas

Género: DOC/FIC

Duração: 17 minutos 27 segundos

Som: *Stereo*

Aspect Ratio: 2.35:1 (2:39:1 para DCP)

Cor: Cor

Câmara: Sony Alpha 7iii

Formato de gravação: 4K

Codecs: DCP | *Apple Pro Res 422 HQ*

1.5 Equipa do projeto

Constituíram a equipa do projeto três realizadoras do Mestrado de Som e Imagem da Especialização Cinema e Audiovisual, Francisca Magalhães, Joana Tato Borges e a autora, que trabalharam sempre em conjunto, coresponsabilizando-se em todos os cargos de uma lista de funções extensa.

Os outros cargos, para além da realização, foram divididos pelas três: a Francisca Magalhães ficou responsável pelo argumento, captação de som e correção de cor; a Joana Tato Borges pela direção de fotografia, pela câmara e pela correção de cor e a autora deste relatório pela produção, pela captação de som e pela montagem do projeto. No entanto todos os cargos foram acompanhados pelas três.

Como não havia condições financeiras para levar uma equipa especializada de som, escolheu-se uma para a pós-produção constituída por: Artur Pires aluno do primeiro ano de Mestrado de Design de Som, responsável pelo *design* e mistura de som, Diogo Chaves aluno do terceiro ano de Licenciatura de Som e Imagem, pela banda sonora, e Bernardo Bourbon aluno do segundo ano do Mestrado de Design de Som, encarregue dos *foleys*. O Professor Ricardo Ferreira ficou encarregue dos efeitos visuais do projeto.

Ao longo de todo o processo de trabalhado, as realizadoras foram acompanhadas pelo Orientador Daniel Ribas que se tornou uma grande ajuda na criação de “Há Alguém na Terra”. Tiveram a oportunidade de ter duas tutorias com o realizador João Salaviza que as ajudou a desenvolver o trabalho em diferentes camadas e perspetivas.

1.6 Metodologia

Numa primeira fase, após a escolha da equipa e do tema do projeto, foi necessária uma pesquisa intensa acerca do local onde se pretendia realizar a curta – Açores, Ilha das Flores – e o do seu tratamento estético e conceptual.

De seguida, foi feito um balanço do orçamento e planeamento para concretizar uma primeira viagem ao local, tendo como objetivo definir parte do argumento através de uma recolha de memórias, definição de personagem, locais a filmar e primeiros testes de som e imagem. Finalizada a primeira viagem, foi feita uma análise de toda a informação, com o fim de compreender como seria o argumento. Nesta fase, o projeto deixou de ser documental passando a ter uma componente mais ficcional, de forma a passar a mensagem pretendida.

Após essa análise, começou-se então a construção da estrutura narrativa e do argumento. Foi necessária também a realização de um guião e *storyboard* para o projeto. O desenvolvimento deste permitiu tanto uma noção e melhor estruturação do trabalho como da organização das filmagens. Enquanto isso, foi feito um planeamento diário de rodagem para a segunda viagem, um estudo de todas as decisões técnicas a tomar e a requisição de todo o material necessário.

Terminada a fase de pré-produção, foi feita a segunda viagem aos Açores com o objetivo de filmar todos os planos definidos anteriormente, de uma forma intensiva ao longo de duas semanas. Durante a rodagem, foi utilizada uma Sony A7iii e duas objetivas, uma 28-70mm e outra 50mm. Foi feita diariamente uma revisão e seleção de filmagens, para que houvesse uma compreensão daquilo que estava a ser filmado.

A fase de pós-produção incide-se sobre toda a montagem e edição. Foi feita uma segunda revisão e seleção de filmagens, para que se pudesse realizar uma montagem meticulosa do projeto no *Adobe Premiere Pro*. Foi também necessária a revisão e reestruturação do argumento em si.

Após a montagem, seguiu-se a criação da sonoplastia e da produção musical - elementos fundamentais para transmitir ao espectador as emoções e sensações pretendidas, complementando assim a componente visual. Em simultâneo, efetuou-se uma limpeza e remoção de imperfeições em alguns planos do filme no *Nuke Studio*. Posteriormente, foi feita a correção de cor no *DaVinci Resolve*, os créditos e a legendagem no *After Effects*.

Por fim, reuniu-se de todos os seus elementos fazendo os ajustes finais necessários e foi procedeu-se à exportação final da curta-metragem - tanto em *Apple ProRes* como em *DCP*.³

1.7 Cronograma

Outubro: escolha do tema e conceito por detrás do projeto; definição da equipa de produção; pesquisa sobre Açores e Ilha das Flores.

Novembro: orçamento e planeamento da primeira viagem; definição do tratamento estético e conceptual; entrega da candidatura do ICA – Instituto de Cinema e Audiovisual -, realização da primeira viagem.

Dezembro: revisão do conceito; escolha de memórias e excertos de livros para argumento; construção do argumento; construção da estrutura narrativa e do argumento; estudo visual e filmográfico para o *storyboard*.

Janeiro: finalização do argumento; desenvolvimento do storyboard visual; planeamento da segunda viagem

Fevereiro: realização da segunda viagem – fase de rodagem;

Março: revisão e escolha de filmagens; processo de montagem.

Abril: reestruturação do argumento; finalização do processo de montagem; desenvolvimento do design e mistura de som; primeiros esboços da banda sonora original.

Maio: remoção e limpeza de imperfeições em alguns planos; correção de cor; versão final da banda sonora original; submissão do projeto ao FIDCampus Marseille e ao Curtas de Vila do Conde - Festival Internacional de Cinema.

Junho: tradução e legendagem dos textos introdutórios; mistura final de som; exportação final da curta-metragem.⁴

³ Metodologia criada em conjunto pelas realizadoras

⁴ Cronograma desenvolvido em conjuntos pelas realizadoras

2. ENQUADRAMENTO

2.1 Pesquisa e referências

“Há Alguém na Terra” teve diversas mudanças ao longo do projeto. Inicialmente a visão das realizadoras era fazer um documentário fora do continente que contasse uma história forte e emotiva sobre a vida de alguém. Tocar em temas como a solidão e o isolamento. Para isso foi necessário fazer uma extensa pesquisa a nível de local, de símbolos, de filmes e livros.

2.2 Arquipélago do Açores

A pesquisa para a criação do projeto começou pela procura de locais de filmagem em ambientes exteriores e naturais, isolados e com a simplicidade de uma vida rural.

Assim surgiu-lhes a ideia de filmar o projeto nos Açores, iniciando a procura em livros, filmes, notícias e fotografias para tentar encontrar a beleza da ilha que seria mais adequada. Procuravam uma ilha com beleza natural e ao mesmo tempo que fosse bastante isolada. Ao longo da pesquisa o farol em cada ilha foi um ponto fulcral na decisão.

A pesquisa iniciou-se pela busca de informação geral sobre cada uma das nove ilhas dos Açores: São Miguel, Santa Maria, Terceira, Faial, Pico, São Jorge, Graciosa, Flores e Corvo, e as suas paisagens naturais. Numa primeira seleção ficaram logo cientes que a escolha seria entre a Ilha de São Miguel e a Ilha das Flores. Desta forma, foi necessário aprofundar a pesquisa a nível de informação sobre habitantes, locais e faróis.

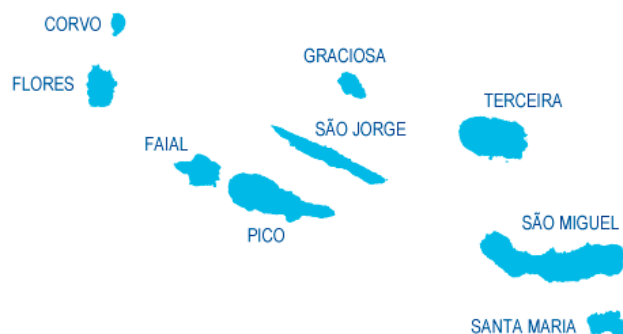


Figura 1: Arquipélago dos Açores

São Miguel é a mais conhecida ilha do arquipélago e onde fica a sede do Governo Regional dos Açores. É a ilha mais civilizada e com mais população – aproximadamente 138 000

habitantes – fator negativo para os objetivos, mas ao mesmo tempo conhecida como a Ilha Verde, devido às suas montanhas infinitas e grandiosas. Dos sete faróis que São Miguel tem dois chamaram a atenção às realizadoras: o Farol da Ponta do Cintrão pelo seu isolamento e o Farol da Ponta do Arnel, por se localizar num extremo da ilha e pela sua estrutura imponente.



Figura 2: Farol da Ponta do Cintrão



Figura 3: Farol da Ponta do Arnel

A Ilha das Flores faz parte do Grupo Ocidental do arquipélago dos Açores com um número de, aproximadamente, 3800 habitantes, identificada por ser uma das mais belas ilhas cobertas por hortências e verdes. Entre o Farol de Lajes e o Farol da Ponta de Albarnaz (os dois únicos existentes na ilha), foi o de Albarnaz que se destacou, devido ao seu isolamento e figura mística e sombria.



Figura 4: Farol da Ponta de Albarnaz

À medida que pesquisavam os locais, o peso sobre a definição do farol no filme foi ganhando importância e um grande significado. Como procuravam uma personagem isolada, acreditavam que iriam encontrar um faroleiro solitário. Para aprender sobre a história e as funções dos faróis as realizadoras fizeram uma visita guiada ao farol de Leça da Palmeira.

Concluída a pesquisa, a opção recaiu na Ilha das Flores, principalmente pelo seu isolamento, pela sua imensidão de natureza ao longo da ilha e pelo Farol de Albarnaz ser esteticamente o que mais procuravam.

2.3 Simbologia Visual - Farol

O farol foi algo que as realizadoras sempre quiseram trazer para o filme. No início porque imaginavam que o personagem principal seria um faroleiro isolado (que rapidamente desapareceu – referido mais à frente no capítulo da pré-produção), mas ao longo do processo de trabalho, o valor do farol tornou-se cada vez mais importante e significativo para o filme.

O farol simboliza a imortalização das almas, uma direção a seguir e o caminho do bem que guia o homem. O seu simbolismo está muitas vezes associado a representações marítimas – âncora, mar, navios – que remetem para o universo de incertezas e agitação.

Numa primeira fase do primeiro argumento (em que se considerava colocar um texto poético em *voice over*) o farol manteve o seu significado, ao qual se sobrepunha um outro que remetia para o passado. O farol representava as memórias das pessoas que fizeram parte da vida do personagem e que estavam guardadas no farol.

Na adaptação final do argumento é transmitida uma conclusão simbólica com o farol. O farol mantém o seu significado relacionado com a imortalização das memórias, com o passado e a história, mas é acrescentado um ainda mais forte: a passagem do tempo - que é acompanhada pelo movimento de luz circular que representa o ciclo da vida. No filme “Há Alguém na Terra” a luz acende ao chegar a noite, uma metáfora da chegada da morte. O farol é uma representação também da construção do homem na terra.



Figura 5: Still 1 do filme “Há Alguém na Terra” – o farol



Figura 6: Still 2 do filme “Há Alguém na Terra” – o farol

2.4 Filmografia e Pesquisa Literária

O estudo de filmes e livros começou logo no início do projeto como forma de inspiração e ajuda na procura do significado, conceito e tratamento estético. Tornou-se muito importante para o desenvolvimento do argumento, da direção de fotografia e da montagem.

O filme *Balaou* de Gonçalo Tocha (2007), reflete sobre a vida e as suas memórias, ajudando as realizadoras na procura do primeiro conceito: a leveza do ser e a forma tranquila de viver dos Açorianos.



Figura 7: Stills do filme *Balaou*

O documentário ficcional *Flores* de Jorge Jacome (2017), com um tratamento estético em tons de rosa e roxo misturando-se num ambiente apocalíptico, foi um filme que não as inspirou pela sua história, mas antes lhes possibilitou uma visão do isolamento das ilhas.



Figura 8: Stills do filme *Flores*

O documentário *Sweetgrass* de Lucien Castaing-Taylor (2009) acompanha os pastores modernos que levam o seu rebanho para Montana. Um documentário frio e realista de como os animais são tratados pelos próprios pastores. Apesar de não constituir uma referência para “Há Alguém na Terra” é um documentário com planos muito bonitos e contemplativos – ajudou as realizadoras no posicionamento da câmara em planos com animais, que viriam a utilizar no projeto.



Figura 9: Stills do filme *Sweetgrass*

Após o visionamento dos filmes acima referidos, da pesquisa *online* efetuada e das entrevistas realizadas na visita de novembro de 2018, a busca continuou em livros tais como: “As Ilhas Desconhecidas”, “As Memórias” e “Os Pescadores” de Raul Brandão e a “A Desumanização” de Valer Hugo Mãe. As realizadoras queriam um texto forte, poético e bonito, que não fosse direto e em que o espectador tivesse de interpretar e viver o filme à sua maneira.

As Ilhas Desconhecidas é uma espécie de diário de viagem de Raul Brandão nos Açores e na Madeira, em que descreve a natureza e as cores predominantes das ilhas numa escrita muito poética, sensível e abstrata. Muitos excertos do livro foram adaptados e incorporados no primeiro argumento, para a escrita poética sobre a natureza e o lugar em si, os Açores.

O livro *As Memórias* de Raúl Brandão transporta-nos para um tempo e uma sensibilidade das suas memórias pessoais e das memórias das pessoas com quem conviveu ao longo da vida. As realizadoras usaram alguns desses momentos onde Raúl Brandão contempla a beleza de pequenas coisas para adaptarem para o primeiro argumento de “Há Alguém na Terra” - as memórias sobre a vida e as suas pessoas próximas e uma perspetiva sobre Deus e a aceitação do fim de linha.

Os Pescadores de Raúl Brandão é um livro de retrata um conjunto de histórias sobre a vida difícil dos pescadores portugueses. Uma referência para a escrita da simbologia e sensações relacionadas com o mar em “Há Alguém na Terra”.

Por último, o livro *A Desumanização* de Valter Hugo Mãe transcreve a voz de uma menina que perdeu a sua irmã gémea e se debate com o que vê ao espelho, a sua irmã morta e o que resta dela em si. Numa escrita poética e delicada que invoca a tristeza e a vida para lá da dor, da fuga e da morte. Tornou-se uma inspiração na escrita e compreensão de metáforas relacionadas com a solidão e a morte e a simbologia da morte relacionada com a natureza. O livro ajudou também na escrita poética sobre a mulher no primeiro argumento de “Há Alguém na Terra”:

Após o argumento fechado, outros filmes serviram de inspiração para reformulação do argumento (feita mais tarde), de fotografia e de montagem para o género de filme que queriam criar.

A Ilha do Milharal de George Ovashvili (2014), foi um filme bastante importante para a direção de fotografia do filme. Este filme é sobre um avô e uma neta que vivem num ilheu, um filme praticamente sem falas e com imagens muito simples e fortes. O personagem identifica-se bastante com a personagem que as realizadoras criaram em “Há Alguém na Terra”: homem carrancudo e homem “da terra” que vai fazendo várias tarefas com a neta para

sobreviverem. Este filme cria igualmente uma simbologia, neste caso com o rio que dá à personagem, mas depois também lhes tira, como se fosse início e fim da vida. Ajudou também as realizadoras na relação do homem versus a natureza no projeto.



Figura 10: Stills do filme *Ilha do Milharal*

O filme *Hálito Azul* de Rodrigo Areias (2018) é uma mescla de elementos de ficção e documental, de forma a contar a história dos pescadores que vivem em Ribeira Quente. O realizador inspira-se nas obras “Os Pescadores” e “As Ilhas Desconhecidas” de Raul Brandão aprofundando a relação dos habitantes da freguesia com o mar. Foi um filme que se tornou numa inspiração para “Há Alguém na Terra” no que diz respeito à simbologia do farol e mar e que funciona como um momento “místico” que ajudou a sustentar o conceito do projeto.



Figura 11: Stills do filme *Hálito Azul*

O Cavalo de Turim de Béla Tarr e Ágnes Hranitzky (2011) é um filme que recria o percurso de um camponês, da sua filha, do seu cavalo e da sua existência miserável em que vivem numa casa isolada. O filme é marcado por planos muito longos e pouca ação que mostram uma rotina típica - acordar, vestir, sair da carroça, ir buscar água, voltar, cozinhar, comer, deitar e esperar pela noite - em que a noite nunca termina. A solidão e a tristeza estão intrínsecas no filme quando se tenta entender a natureza e a própria existência. As realizadoras inspiraram-se bastante em *O Cavalo de Turim* tanto a nível das ações do homem (que alguns planos foram retirados mais tarde na fase de pós-produção), como a nível da fotografia do filme e na montagem usada – tempos longos, poucas ações e uma densidade

narrativa profunda. Ainda foi dado como referência musical para “Há Alguém na Terra” o primeiro tema clássico do filme.



Figura 12: Stills do filme *O Cavalo de Turim*

O filme *A Árvore da Vida* de Terence Malick (2011) foi outro filme que se tornou uma grande influência para “Há Alguém na Terra”. Esta longa-metragem é sobre a vida – ciclo da vida - e centra-se nos efeitos que uma morte pode causar numa família, focando-se nos sobreviventes. Um filme onde não há um único plano feio ou palavras feias e que usa, em quase duas horas de filme, uma montagem contemplativa. Não tem uma narrativa linear o que faz que com induza ao espectador os seus estados emocionais. A inspiração neste filme de Terence Malick passou pelos planos de contraluz, pelas ações nos planos do estendal (mais tarde retirados) e pelos planos de imagens simbólicas.



Figura 13: Stills do filme *A Árvore da Vida*

As Quatro Voltas de Michelangelo Frammartino (2010) é um filme sem efeitos especiais, é uma visão poética dos ciclos da vida e da natureza que encoraja o espectador à libertação do olhar e a uma experiência emocional livre. Ele provoca em cada pessoa uma reação diferente. É um filme sem falas, evidencia o som ambiente, algo que se tornou uma inspiração para o filme “Há Alguém na Terra”, bem como o tom documental existente na ficção. Ao personagem, à árvore, às cabras, são lhes dadas a mesma atenção, pois o que interessa ao realizador é o próprio ciclo da vida. É uma longa com uma forte carga contemplativa e emocional onde as realizadoras se basearam bastante para o seu projeto. Um filme em que não

se fala, mas em que não fica nada por dizer. Este filme foi uma inspiração para o projeto a nível da montagem, direção de fotografia e argumento.

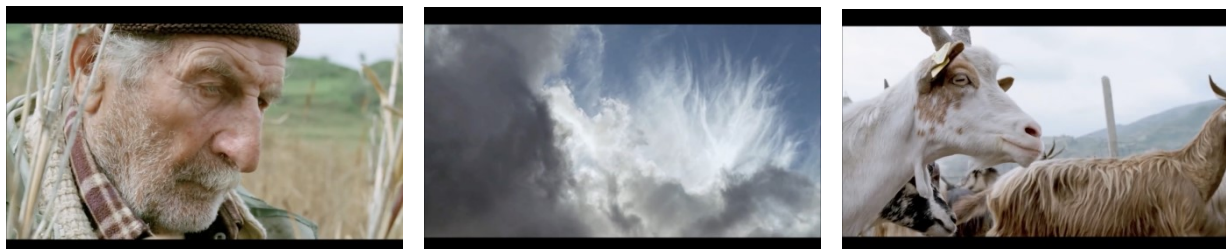


Figura 14: Stills do filme *As Quatro Voltas*

Devido a alguns imprevistos foi necessário fazer mais uma procura literária para o segundo argumento do filme e foi onde apareceu o livro *Os Animais* de Kobayashi Issa (2019). O livro *Os Animais* é composto por *haikus* - poema japonês de três versos que puxam pela criatividade mental e iluminam com a sua própria imaginação e possível saída para o enigma. Apesar da marca pessoal que é visível na escrita de Kobayashi, a razão pela qual as realizadoras decidiram adaptar os seus poemas no filme teve a ver como a forma como este introduz temas como a contemplação das flores, dos animais, dos elementos naturais e da morte. O poeta na sua escrita, integra uma mensagem de amor e compreensão pelos seres vivos e pela natureza e deixa de lado qualquer assunto sobre o ressentimento, a futilidade e a soberanceria – algo que sentiram importante apresentar como um texto introdutório no filme.

2.5 Montagem Adoptada

Hoje em dia o espectador tem uma grande dificuldade em aceitar filmes com um ritmo lento e contemplativo, espera sempre sucessões e sobreposições de imagens; tem dificuldade em interpretar cada plano no seu todo e espera, muitas vezes, que o diálogo represente a filmagem.

A montagem mais tradicional corresponde a uma duração de planos alongados que intensifica o tempo da representação. É uma montagem muito típica do cinema português, também conhecida como “montagem invisível”, segue-se segundo uma *découpage* pouco fragmentada, com planos longos que tenta quebrar o menos possível a ação ao espectador. O tempo de cada plano em “Há Alguém na Terra” foi pensado ao pormenor de forma que o espectador fosse engolido na imensidão da natureza e se esquecesse do que estava à sua volta. Para ajudar a passar essa mensagem de sensação de presença, as realizadoras optaram na montagem pela escolha de planos gerais, longos e estáticos.

Os planos gerais permitem incluir a personagem bem como o cenário que a rodeia, possibilitando ao espectador adquirir uma maior informação. Essa amplitude acaba por fazer a personagem fundir-se no espaço que a envolve e permitir uma leitura mais ampla e livre contrariamente aos planos fechados.

A duração dos planos no cinema é variável e permite ao espectador o sentido da interpretação e de experiência afetiva. O plano longo pode criar um vazio, uma envolvimento ou uma pertença ao espectador.

Os planos estáticos ajudam o espectador a não se perder nos movimentos de câmara e focar a sua atenção apenas num só plano. Assim cria-se um sentimento de presença em que o espectador é também, neste caso, uma pedra na natureza.

A curta-metragem segue o destaque do plano enquanto imagem artística e plástica, dando ênfase à contemplação do plano e à interpretação do espectador do que vê e sente; narrativas como um todo contínuo e em que cada plano tem uma mensagem simbólica e forte - não é necessária uma voz para passar o sentimento pretendido.

Neste projeto usa-se também a montagem alegórica para revelar significados escondidos sob a literalidade das imagens.

Uma montagem simples e contemplativa que permite ao espectador interpretar da sua maneira e sem julgamentos, criando bolsas temporais paralelas que vão sendo apresentadas ao longo do filme.

3. HISTORIAL DE PRODUÇÃO

3.1 Pré-Produção

A fase de pré-produção de “Há Alguém na Terra” teve início na procura de uma ideia e tema para o projeto, que fosse ao encontro dos interesses das realizadoras. O conceito e argumento foram-se materializando à medida que realizaram pesquisas, reuniões com o orientador e estudaram o tratamento estético.

Primeiramente, uma fase crucial do projeto, foi a pesquisa elaborada. Desde o início, como referiu a autora anteriormente, idealizou-se que o filme fosse gravado num local isolado, com uma clara beleza natural. Foi determinante para a escolha do local o facto de nele se situar um farol com um significado muito forte e simbólico, que se pretendeu trazer para o filme. Assim a Ilha das Flores conciliou os interesses pretendidos para a curta. A sua beleza natural, com as suas enormes ravinas, falésias e lagoas, o seu reduzido número de habitantes e o seu isolamento, para além da grandiosidade do Farol de Albarnaz, foram fatores decisivos na sua escolha.

Numa fase de desenvolvimento do conceito, o tema que se pretendia abordar no documentário era a história de vida real de uma pessoa que vivesse na Ilha das Flores e que fosse bastante isolado com uma vida simples – daí a ideia de filmar um faroleiro, por ser uma profissão bastante solitária. Abordar a verdadeira essência do ser humano e a leveza do ser, baseando-se em memórias do personagem, criando uma forte simbologia com o farol, mar e natureza. As realizadoras pretendiam refletir sobre as relações pessoais e interpessoais que são afetadas hoje em dia pelo avanço das novas tecnologias. O objetivo era igualmente destacar as pessoas que não valorizam o passado e a experiência das que fizeram parte dele e que contribuíram para o que elas são hoje. O individualismo e a rotina que se vive nos dias de hoje afasta-as do que as deve fazer felizes. Ao mesmo tempo idealizava-se que o projeto representasse outra realidade, através dos florentinos, a forma leve de viver e tranquila que seguem.

3.1.1 Primeira viagem

3.1.1.1 Répérage

Foi acordado entre as três realizadoras que se precisaria de realizar duas viagens à ilha: a primeira para conhecer e explorar os possíveis locais de filmagens e entrevistar os seus habitantes - potenciais personagens - e uma segunda para filmar a curta metragem. Desta forma, a autora como produtora, criou não só um dossier com os locais mais icónicos da ilha e

caminhos mais escondidos (consultar apêndice A) como o calendário diário para a primeira viagem.

| | SEGUNDA 12 NOV | TERÇA 13 NOV | QUARTA. 14 NOV | QUINTA 15 NOV | SEXTA 16 NOV |
|-------|--------------------------------------|--|--|--|--|
| 07:00 | | | Despertador | Despertador | Despertador |
| 08:00 | | | Pequeno Almoço | Pequeno Almoço | Pequeno Almoço |
| 09:00 | | Despertador | Voo Terceira - Flores (09:25) | Voo Terceira - Flores (09:25) | Voo Terceira - Flores (09:50) |
| 10:00 | | Pequeno Almoço | Voo Cancelado - espera no aeroporto | Voo Cancelado - espera no aeroporto | Voo Cancelado - espera no aeroporto |
| 11:00 | | Voo Terceira - Flores (11:30) | Voo Cancelado - espera no aeroporto | Chegada ao Hotel Angra Garden | Voo Cancelado - espera no aeroporto |
| 12:00 | | Voo Cancelado - espera no aeroporto | Voo Cancelado - espera no aeroporto | Aluguer de carro | Chegada ao Hotel Angra Garden |
| 13:00 | Voo Porto - Ponta Delgada (12:45) | Voo Cancelado - espera no aeroporto | Chegada ao Hotel Angra Garden | Almoço no Hotel Angra Garden | Almoço no Hotel Angra Garden |
| 14:00 | Voo atrasado | Chegada ao Hotel Caracol | Almoço no Hotel Caracol | Segunda visita à freguesia de São Sebastião | Aluguer de carro |
| 15:00 | Voo atrasado | Almoço no Hotel Caracol | Visita ao Farol das Contendas | Entrevista Luís Ferreira | Segunda visita ao Farol das Contendas |
| 16:00 | Voo atrasado | Testes de imagem na andradinha do Heroísmo | Visita à freguesia de São Sebastião - conhecer pessoas | Testes de imagem nos campos | Visita exterior casa do Lúcio Toste |
| 17:00 | Voo Porto - Ponta Delgada (17:15) | Testes de imagem na andradinha do Heroísmo | Visita à freguesia de São Sebastião - conhecer pessoas | Visita Taberna do Roberto | Visita exterior casa do Lúcio Toste |
| 18:00 | Voo Ponta Delgada - Terceira (18:45) | Testes de imagem na andradinha do Heroísmo | Entrevista Francisco Paim | Entrevista António F. da Costa e Fernanda Farias | Terceira visita à freguesia de São Sebastião |
| 19:00 | Check in Hotel Branco I (19:30) | Ver testes de imagem | Planeamento do dia seguinte | Entrevista António F. da Costa e Fernanda Farias | Devolução do carro |
| 20:00 | Jantar | Planeamento do dia seguinte | Planeamento do dia seguinte | Devolução carro; planeamento do dia seguinte | Planeamento do dia seguinte; Ver testes |
| 21:00 | Planeamento do dia seguinte | Jantar | Jantar | Jantar | Jantar |

| | SÁBADO 17 NOV | DOMINGO 18 NOV | SEGUNDA 19 NOV | TERÇA 20 NOV | QUARTA 21 NOV |
|-------|---|--|--------------------------------------|---|--------------------------------------|
| 07:00 | | | | | Voo Terceira - Ponta Delgada (07:00) |
| 08:00 | Despertador | Despertador | Despertador | Despertador | Voo Ponta Delgada - Porto (08:45) |
| 09:00 | Pequeno Almoço | Pequeno Almoço | Pequeno Almoço | Pequeno Almoço | |
| 10:00 | Voo Terceira - Flores (10:40) | Visita ao Farol de Lajes | Entrevista Fátima Freitas | Despedir do Sr. Mário e pagamento | |
| 11:00 | Voo atrasado | Testes de imagem e som no Farol de Lajes | Entrevista "Fortes" | Encher o depósito e entregar carro | Chegada ao Porto (11:55) |
| 12:00 | Voo Terceira - Flores (12:00) | Visita ao Museu Baleeiro nas Lajes | Visita vacas da Fátima Freitas | | |
| 13:00 | Chegada às Flores + Aluguer de carro | Entrevista José Lizandro (ex Baleeiro) | Almoço | Voo das Flores - Terceira (13:10) | |
| 14:00 | Supermercado + ida para casa (Lajes) | Almoço casa | Testes de imagem e som (floresta) | Chegada à Terceira (14:20) | |
| 15:00 | Almoço casa | Visita ao Poço da Ribeira do Ferreiro | Visita a Fajazinha | Visita Serra do Cume | |
| 16:00 | Visita ao Farol de Albernaz (Ponta Delgada) | Visita Lagoa Negra e Lagoa Comprida | Encontro José Augusto Jorge (pastor) | Visita Serra do Cume | |
| 17:00 | Visita ao Farol de Albernaz (Ponta Delgada) | Encontro com Fatima Reis | Visita Aldeia da Cuada | Visita interior casa do Lúcio; telefone sobre o | |
| 18:00 | Visita ao Farol de Albernaz (Ponta Delgada) | Reunião sobre o ponto de situação | Visita Aldeia da Cuada | Visita aos Terrenos do Lúcio | |
| 19:00 | Planeamento do dia seguinte | Planeamento do dia seguinte; ver testes | Ver testes; Fazer as malas | Reunião final da viagem | |
| 20:00 | Jantar Fados | Jantar | Jantar | Jantar | |

Figura 15: Calendário diário da primeira viagem – com alterações dos imprevistos

No início de novembro de 2018 as três realizadoras realizaram a primeira viagem que teve alguns imprevistos. Dos nove dias de viagem, cinco foram passados na Ilha Terceira, onde ficaram retidas, devido ao mau tempo nas Flores. Decidiu-se fazer o trabalho programado para as Flores na Terceira, pois não havia confirmação que se chegaria nesses nove dias a conhecer os florentinos. Visitou-se vários potenciais locais de filmagem, como a casa fictícia da personagem e o farol das Contendas, entrevistou-se possíveis personagens, fizeram-se contactos e realizaram-se testes de imagem e de som. Nos últimos três dias da viagem voou-se finalmente para as Flores e fez-se uma pesquisa intensiva dos locais e dos habitantes e efetuaram-se testes de produção.

As entrevistas foram sempre feitas pelas três de forma bastante informal, com o propósito de não incomodar as pessoas e pô-las à vontade. As realizadoras abordaram os entrevistados como se com eles estivessem a ter uma conversa fluída, mas aqui e ali questionando-os sobre o que pretendiam saber. No início as questões estavam relacionadas com a ilha e com o seu dia-a-dia, mas ao longo da conversa as perguntas tornavam-se mais pessoais. Tinham

curiosidade sobre os momentos que eram mais marcantes na vida das pessoas e na forma como se interrelacionavam.

ENTREVISTAS – PERGUNTAS

INICIAIS:

- Gosta de viver na ilha dos Flores?
- Sempre viveu na ilha das Flores?
- O que mais gosta e menos gosta na ilha?
- Quais as diferenças principais que existem entre a ilha das Flores e onde já viveu?
- O que faz da vida? Sempre trabalhou nisso?
- Descreva o seu dia a dia e episódios que se lembre

ESTRATÉGICAS:

- Quais são as pessoas mais importantes e que marcaram a sua vida? Porquê?
- Diga algum momento importante que o tenha tornado no que é hoje
- Momentos/Memórias importantes com as pessoas que marcaram a sua vida
- Momentos que se lembre da sua infância
- É feliz? O que é para si a felicidade?
- O que na vida lhe faz feliz a 100% (especifique)
- Qual a sua maior ambição?
- Se pudesse voltar atrás, mudaria alguma coisa?
- Se pudesse voltar atrás e reviver um momento da sua vida, qual seria?
- Descreva

Figura 16: Perguntas e temas base das entrevistas aos habitantes das ilhas

Quando as realizadoras chegaram ao Porto depararam-se com dois problemas: primeiramente decidir quem seria a personagem e em segundo lugar qual ilha iriam filmar. Apesar de terem conhecido e entrevistado várias potenciais personagens, nenhuma tinha o que idealizavam (consultar apêndice B). Assim, começaram a pensar criar algo não tão estritamente documental, mas sim uma mescla, a realidade ser contaminada pela ficção.

A indecisão e escolha de que ilha optar para gravar o projeto foi difícil, pois ambas tinham os seus prós e os seus contras. As vantagens da Terceira eram: fácil acesso e meteorologia estável, casa da personagem no mesmo local do farol das Contendas e do mar, apoio e ajuda do Sr. Lúcio Toste (lavrador que conheceram enquanto faziam testes de imagem nesta ilha) e *drone* 4K garantido com respetivo piloto. As desvantagens eram: a casa de filmagem não estar mobilada, a personagem fictícia não estar assegurada e a paisagem natural ser menos exuberante do que a das Flores. Em relação à Ilhas das Flores as vantagens eram: a personagem estar garantida (duas potenciais personagens), casa idealmente decorada e realista na Aldeia da Cuada (possível parceria), farol cinematograficamente ideal - tendo sempre sido a primeira escolha na pesquisa online - e uma maior diversidade e beleza natural relativamente à Terceira. Por outro lado, também apresentava as suas desvantagens: meteorologia muito instável e difícil acesso, logística mais complicada - a casa, farol, mar e natureza estavam localizados dispersamente pela ilha, - o *drone* 4K não estava garantido e a eventual necessidade de alugar uma casa para as filmagens (caso a Aldeia da Cuada não quisessem fazer uma parceria). Após analisarem os fatores e apesar de alguns riscos não controláveis, decidiram apostar na Ilha das Flores (consultar apêndice C).

Posto isto, foi necessário estabelecer parcerias e contactos (desenvolvidos mais à frente), com as autoridades locais e com pessoas determinantes para a realização das filmagens, de modo a fazer avançar o projeto.

3.1.1.2 Apoios e Financiamento

Um dos aspetos mais importantes na produção de uma curta-metragem académica é o financiamento e angariação de apoio. Ao longo do desenvolvimento do argumento e do guião, procuraram criar possíveis apoios e parcerias para a concretização do projeto. Como eram uma equipa pequena, sabiam que os gastos se destinariam, no essencial, às despesas das realizadoras (viagens, alojamento e refeições) e ao aluguer de espaços e transportes.

O primeiro pedido de financiamento que fizeram foi uma candidatura ao ICA, através da Universidade Católica. Tiveram que preparar um dossier com informação sobre o projeto e a equipa: os currículos das realizadoras, a declaração de intenções, a sinopse, o argumento, o tratamento estético e conceptual, o calendário de produção, o orçamento e a pesquisa e referências. Este dossier foi desenvolvido antes da primeira viagem, ainda numa fase inicial, com o objetivo do primeiro argumento relativo à reflexão sobre a verdadeira essência do ser humano e baseado em memórias de pessoas que habitavam na Ilha das Flores. Relativamente ao orçamento, foi necessário fazer uma previsão de todas as despesas que as realizadoras iriam ter, sem ter ainda conhecido pessoalmente a ilha e os locais de filmagem. Foi durante a viagem de novembro de 2018 que ficaram a saber que foi disponibilizado o montante de 1500€ para a produção do projeto.

Antes da primeira viagem, criaram um contacto através do *Facebook*, com a Gabriela Silva, ex-professora de português reformada, que muito contribuiu para o estabelecimento de contactos nas Flores, dado ser uma pessoa influente. Seguramente que através da Gabriela Silva foi possível minimizar custos com o projeto que de outra forma encareciam toda a produção.

Ao longo da viagem foi também feita uma lista de contactos com todos os habitantes que as realizadoras conheceram nas ilhas.

3.1.1.3 Orçamentos e Logística

Sendo um projeto com (idealmente) duas viagens à ilhas das Flores, desde o início a autora elaborou diversos orçamentos (consultar apêndice D) para analisar as melhores opções a tomar: comparou preços de viagens/datas, de alojamentos, de aluguer de carros, de gasolina, de alimentação e de material necessário.

| | 18 FEV | 19 FEV | 20 FEV | | 21 FEV | 22 FEV | 23 FEV | |
|-------|---|---|------------------------------|--|--------|---|--|---|
| 08:00 | | ALDEIA DA CUAÇA - Plano extensão | | | 08:00 | | | |
| 09:00 | | ALDEIA DA CUAÇA - Plano muito geral da casa - Plano de Gabriel e vestes-se em frente à janela | | | 09:00 | CARRO (pretado) - Plano dentro do carro com Gabriel | DESCOBRIR MIRADOUROS | |
| 10:00 | | ALDEIA DA CUAÇA - Plano geral e barba - Plano dos quartos com o café | Procurar casa dos Pais | | 10:00 | CARRO (pretado) - Plano dentro do carro com Gabriel | MONTANHAS - Plano de ruínas nas montanhas - Plano do céu com ruínas | ESTÁBULO - Plano geral do estábulo - Plano com Gabriel e Menisco 2x |
| 11:00 | Chegada do Flores | ALDEIA DA CUAÇA - Plano geral da casa com Gabriel na cozinha | | | 11:00 | CARRO (pretado) - Plano do carro com DIONE | Almoço - Casa | |
| 12:00 | Supermercado | ALDEIA DA CUAÇA - Plano contador de reiva - Plano contador de reiva com DIONE | Almoço | | 12:00 | Almoço - Casa | Almoço - Casa | |
| 13:00 | Ver e buscar coisas e casa do Sr. Mario - Casacos - Camisas - Foneças - Cofres para guardar a barba | ALDEIA DA CUAÇA - Entrar | Testes no Poço | | 13:00 | Testes no estábulo | POÇO - Imagem simbólica Casacas com DIONE | CANINHO 1 (sapo negro e entrada) - Plano geral com Gabriel e Menisco |
| 14:00 | Almoço - Conversa com Carlos | Almoço - Casa | Testes no Poço | | 14:00 | Testes no estábulo | POÇO - Plano geral Gabriel e almoço + DIONE - Plano de governo das mãos e semide | CANINHO 1 (sapo negro e entrada) - Plano geral com Gabriel e Menisco com DIONE |
| 15:00 | Aldeia da Cuaça - Contabilidade extensão - Contador de reiva | DESCOBRIR ENTRADA | POÇO - Imagens simbólicas | | 15:00 | DESCOBRIR MIRADOUROS | POÇO - Plano de reflexo | CANINHO 1 (sapo negro e entrada) - Plano geral da lagoa com DIONE |
| 16:00 | Aldeia da Cuaça - Recheio interior da casa | Testes do carro | POÇO - Imagens simbólicas | | 16:00 | MONTANHAS - Plano de ruínas nas montanhas - Plano do céu com ruínas | POÇO - Caracota com Gabriel | LAGOA - Imagem simbólica da lagoa |
| 17:00 | Aldeia da Cuaça - Testes | Testes da gruta | Testes da gruta | | 17:00 | | | |
| 18:00 | | GRUTA - Imagem simbólica | GRUTA - Imagem simbólica | | 18:00 | | | |
| 19:00 | | | | | 19:00 | | | |














| 24 FEV | | 25 FEV | | 26 FEV | | 27 FEV | | 28 FEV | | 01 MAR | |
|--------|---|---|---|---|---|--------|---|---|--|--|--|
| 08:00 | | | | | | 08:00 | | | | | |
| 09:00 | | Testes do caminho 2 (Joa dos pais) | | | | 09:00 | | | | | |
| 10:00 | | Testes do caminho 3 (Borestal) | | | | 10:00 | | -Imagem simbólica | | | |
| 11:00 | FAROL Imagem simbólica de banda de piscinas | Almoo - Casa | | | | 11:00 | | -Imagem simbólica | | | |
| 12:00 | FAROL Imagem simbólica de banda de piscinas | Almoo - Casa | | | | 12:00 | | -Imagem simbólica | | | |
| 13:00 | Almoo | CAMINHO 2 (Joa dos pais) -Plano geral/Lateral do Gabriel e Mimosa |  | Almoo - Casa | | 13:00 | Almoo - Casa | | | | |
| 14:00 | Testes no farol | CAMINHO 3 (Borestal) -Plano geral/Gabriel e Mimosa |  | CAMINHO 4 (Joa dos pais) -Plano geral com Gabriel e Mimosa |  | 14:00 | CAMINHO 4 (Joa dos pais) -Plano geral com Gabriel e Mimosa |  | | | |
| 15:00 | Testes no farol | CAMINHO 5 (Borestal) -Imagem simbólica panorâmica da "terra que chora" -Imagem simbólica silhuetas de aneiros | | FAROL -Plano geral com Gabriel e farol -Plano Gabriel e olhar para o horizonte |  | 15:00 | FAROL -Plano geral com Gabriel e farol -Plano Gabriel e olhar para o horizonte |  | | | |
| 16:00 | FAROL Imagem simbólica esquadra Imagem simbólica luz a nadar Testes no farol | | | PASTO -Planos com mimosa |  | 16:00 | PASTO -Planos com mimosa |  | | | |
| 17:00 | | | | PASTO Plano geral Gabriel detalho com DRONE Plano de permissão da casa do Gabriel |  | 17:00 | PASTO Plano geral Gabriel detalho com DRONE Plano de permissão da casa do Gabriel |  | MAR -Imagem simbólica Plano geral do mar -Imagem simbólica Plano visto de cima do mar | MAR -Imagem simbólica Textura do mar | |
| 18:00 | FAROL -Plano final | | | FAROL -Plano final com drone |  | 18:00 | FAROL -Plano final com drone |  | MAR -Imagem simbólica Textura do mar com DRONE -Imagem simbólica Mar agitado com DRONE | MAR  | |
| 19:00 | | | | | | 19:00 | | | | | |

Figura 17: Calendário de Produção

Há alguém na Terra

um filme de Francisco Migueltres, Joana Vares Gomes e Maria Canela

LOCAL 1 | ALDEIA DA CUADA | 19-02-2019

Contacto | +351 914138835 - mcanalms@gmail.com | Maria Canela
 Morada | Faja Grande, 9960-070 Lajes das Flores

[https://www.google.com/maps/place/Aldeia+da+Cuada+Turismo+de+Aldeia/@39.4404874,-31.2509076,17z/data=!3m1!1e4!1s0x150e32228379901833:0xe779a2c0c028ace6f8m3c3d39.440487464-31.2509075](https://www.google.com/maps/place/Aldeia+da+Cuada+Turismo+de+Aldeia/@39.4404874,-31.2509076,17z/data=!3m1!1e4!1m4!1s0x150e32228379901833:0xe779a2c0c028ace6f8m3c3d39.440487464-31.2509075)

| | | | |
|-----------------------|----------------------|-----------------------|------------------|
| Nome do grupo nº | 1 | Nome | 19-02 (3ª feira) |
| Nome do alojamento | Aldeia da Cuada | Idade do participante | 1* |
| Idade do participante | 8h15 | Indicação | Asmoço |
| | | Lugar | Casa |
| | | Hora | 14h |
| Lugar de Encontro | Palheiro do Pimentel | | |
| Outro Material | | | |

| Equipamento LOCAL | NOTAS | NOTAS |
|-------------------|-------|-------|
| Realizações | 7h30 | |
| Operador de drone | 12h | |

| DESCRI | CENA | PARÓIA | DIÁRIOITE | AÇÃO |
|----------------|------|--------|-----------|--|
| Fora de casa | 2 | | Dia | Plano Gabriel no estendal |
| Fora de casa | 2 | | Dia | Plano geral da casa |
| Dentro de casa | 2 | | Dia | Plano Gabriel a vestir-se em frente à janela |
| Dentro de casa | 2 | | Dia | Plano apertar a barba |
| Dentro de casa | 2 | | Dia | Plano Gabriel com gatinhos e café |
| Dentro de casa | 2 | | Dia | Plano geral da casa com Gabriel na cozinha |
| Fora de casa | 2 | | Dia | Plano cortador de relva |
| Fora de casa | 2 | | Dia | Plano cortador de relva DRONE |
| Fora de casa | 2 | | Dia | Plano extra |

| | |
|---------------|--|
| Nome do grupo | |
|---------------|--|

| PERSONAGENS | ATUAC | HORA | CENA | DESCRI |
|-------------|--------------|------|------|--------|
| Gabriel | Mário Lennon | 8h | | Casa |

| | |
|---------|---|
| Objetos | Calças de ganga botas duas camisas (amarela e branca) |
| | Lençóis chávena de café coisas da barba cortador de relva |

+351 914138835 | mcanalms@gmail.com

Figura 18: Mapa de trabalho de um dia

3.1.2 Construção do argumento e storyboard

Após as realizadoras analisarem os locais, iniciou-se a seleção das entrevistas feitas na primeira viagem aos habitantes da Terceira e das Flores. Ao longo do processo aperceberam-se que tinham possíveis memórias a incorporar no argumento, mas que iriam precisar de temas e assuntos ainda mais fortes que fossem capazes de emocionar o espectador, de forma a que entrasse no filme. Como certos assuntos não poderiam sair unicamente da experiência pessoal das realizadoras, decidiram assim proceder à leitura de alguns livros (antes referidos - *As Ilhas Descobertas*, *As Memórias*, *Os Pescadores* e *A Desumanização*) que sentiam que tinham uma sensibilidade e escrita poética que pretendia.

Sem se aperceberem, a personagem que começaram a criar era simbolicamente representada pelo Sr. Mário. O Sr. Mário, até aqui ainda não referido, é o marido de Gabriela Silva. É um ser humano com um ar carrancudo e fechado, mas ao mesmo tempo bastante transparente e simples, com características físicas ideais para a personagem. Assim, a partir daí criámos um passado para a personagem, inspirado na sua história real, de forma a não perder a veia documental e, ao mesmo tempo, introduzindo factos ficcionais (consultar apêndice E).



Figura 19: Fotografias do Sr. Mário

Após a seleção de excertos dos livros, a Francisca ficou encarregue da escrita do argumento. Adaptou e criou um argumento poético baseado nas memórias e nos livros. O homem em si tinha uma grande importância como personagem principal e através de uma *voice over* eram contadas memórias da personagem.

O primeiro argumento iniciava-se com uma crítica não revelada, à sociedade e ao individualismo de hoje em dia, ao facto de cada vez mais as pessoas se isolarem esquecendo-se do que está à sua volta e ao qual não lhe dão valor – “A humanidade começa nos que te

rodeiam e não exatamente em ti. Ser-se alguém implica a tua mãe, o teu pai, as tuas pessoas. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão como uma coisa qualquer. A beleza do mundo está sempre em alguém. Se não houver ninguém, será que a lagoa é bela? Ainda que as palavras sejam débeis e as usemos por pura ilusão, todas as lagoas do mundo dependem de sermos pelo menos dois. Para que um veja e o outro ouça” (citação retiradas do guião - consultar apêndice F).

Abordava assuntos como a solidão e a existência - “E aqui estou eu à espera de quem passa – e não passa ninguém”, “Aqui só há uma coisa a fazer: não é olhar para as almas, é olhar para fora”, “Não sei se creio na imortalidade da alma. Todo o rasto que deixamos é uma conversa com os homens que, três minutos ou três mil anos depois, nos descobrem a presença” – e a força superior existente na simbologia da natureza – “Tudo parece fundir-se na floresta verde metida neste buraco formidável onde não há vivalma. Acho tudo esplêndido e perdia outras tantas horas diante do que é eterno”, “Talvez aprender a solidão seja perceber que a solidão não existe. Os homens sós percebem que há alguém na água, na pedra, no vento, no fogo. Há alguém na terra” (citações retiradas do guião - consultar apêndice F).

Sempre foi muito importante para as realizadoras que o argumento refletisse também as memórias da infância da personagem onde ela relembra as “suas pessoas” – “As árvores que minha mãe, por sua mão, dispôs.”, “Ouço hoje como ontem os passos firmes do meu pai; cheiro hoje como ontem o aroma a pão de trigo dos abraços da minha mãe”. Desta forma a personagem revive o seu passado, questiona-se sobre as “suas pessoas” e a falta delas que interliga com a morte que está para chegar – “Estar morto deve ser inteligente. O corpo é um traste, a alma deve ser incrível. Quando me vir ao espelho e só ali estiver a alma vou pasmar de maravilha...” (citações retiradas do guião - consultar apêndice F).

No primeiro argumento a personagem debate-se ainda com a inexistência da sua mulher, a falta dela na sua vida e as memórias que ela lhe traz, afirmando que sem ela a vida não faz sentido– “Pergunto-me se dizer o teu nome é manter-te a beleza como manter-te a vida (...) Sempre que digo em voz alta subitamente estás viva”, “Mas é como se, sem ti, tudo perdesse o conteúdo, tudo ficasse oco como se tu fosses o dentro de tudo (...) Mas então afinal, a que se reduz afinal a vida? A um momento de amor e mais nada?” (citações retiradas do guião - consultar apêndice F).

Por fim, há uma conclusão simbólica da imortalização das memórias e a aceitação de que a vida tem um início e um fim – “E dou por mim a recordar a vida sem entender como não a soube preservar (...) Pouco a pouco, o círculo da minha vida restringe-se a um só ponto (...) O que revivo mais profundamente é a própria vida com um encanto que não torna. E

compreendo que toda esta cor que desapareceu e teima a reluzir, corresponde a um único momento em que se descobre o mundo que morre e que se fixa, por fim, na saudade e na ternura.” (citações retiradas do guião - consultar apêndice F).

Quando o primeiro argumento ficou fechado, tiveram que começar o guião em conjunto, que foi talvez uma das fases mais complicadas, juntamente com o *storyboard* criado pela Joana (consultar apêndice G). A grande dificuldade era idealizar que imagens queriam filmar que traduzissem o texto de uma forma figurada. Foi nesta fase que usaram as inspirações filmográficas anteriormente referidas, como apoio da procura da imagem. Reforçaram uma forte simbologia no filme com a decisão de filmar variados planos da natureza em si.

Na mesma fase, foi enviado um email ao escritor Valter Hugo Mãe, para a autorização e cedência do uso dos seus textos de uma forma adaptada. Ao mesmo tempo, preparavam a segunda viagem - a fase de rodagem - a nível de orçamentos e calendários.

3.1.3 Preparação da segunda viagem: apoios e parceiros

Ao voltarem da primeira viagem, estavam cientes que precisariam de mais ajudas e parcerias. A autora contactou o Presidente e o Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores com um pedido de apoio logístico e financeiro, o qual não obteve resposta. Supõem que a falta angariação de apoios se ficou a dever à situação complicada da Ilha das Flores decorrente das consequências das difíceis condições meteorológicas (que provocaram derrubes de falésias), mas, no entanto, ajuda inexcedível dos florentinos foi essencial.

A autora contactou igualmente a Direção dos Faróis (consultar apêndice H) para a autorização de filmagens no farol de Albarnaz que lhe foi autorizada.

Através dos contactos da Gabriela Silva, entre eles com a Aldeia da Cuada, a autora conseguiu junto da proprietária do alojamento, que lhes fosse concedida liberdade de escolha das casas do alojamento e dos dias para a realização das filmagens, tornando-se um dos parceiros mais importantes deste projeto; e com Carlos Mendes, fotógrafo nativo das Flores, que lhes fez filmagens de *drone* e fotografias de backstage.

Já na ilha, contaram com um apoio imprescindível do Sr. José Vieira, trabalhador da SATA e lavrador, que lhes disponibilizou uma das suas “simpáticas” vacas (para as filmagens), o seu atrelado de transporte e o seu estábulo; apenas de boa vontade sem pedir nada em troca.

3.2 Produção

3.2.1 Segunda viagem: rodagem

A fase de rodagem do filme “Há Alguém na Terra” foi sem dúvida um dos momentos mais desafiadores do projeto.

O material levado para a captação da imagem foi: uma câmara Sony Alpha 7iii, dois tripés (um grande e outro pequeno), duas objetivas (50mm, 28-70 mm), dois refletores, um filtro ND e suportes, um estabilizador DJI RONIN S e um LED. Para o som as realizadoras levaram: dois gravadores, um *shotgun*, uma *perche*, um *rycote*, três cabos XLR, um microfone lapela *wireless*, dois microfones NT5 e um tripé.

Antes de iniciarem as filmagens, necessitavam de resolver alguns assuntos localmente. Durante a primeira viagem conseguiram assegurar, junto de uma lavradora, o “empréstimo” de uma vaca para as filmagens. Esta situação veio a revelar-se um problema, dado que esta ajuda acabou por ser inviabilizada. Foi então necessário arranjar uma alternativa através do Sr. José Vieira. O outro problema era a autorização, por parte do dono dos campos de pasto junto ao farol, para filmar nesse local. Com a simpatia e disponibilidade do Sr. José Vieira tudo se resolveu num só dia. Cedeu o estábulo e a vaca Mimosa e acompanhou as filmagens no local, tendo igualmente intervindo na autorização dos campos de pasto.

Antes de iniciarem as gravações diárias, a Francisca, a Joana e a autora do relatório deslocaram-se a cada local para efetuar testes de imagem - para detalhar cada plano (anotaram os valores da máquina para na fase de gravações, o processo ser mais rápido) – e de som (decidiram que equipamento iriam usar para cada filmagem). Este processo foi crucial para no momento de rodagem tudo acontecer de forma mais rápida e as pessoas que estavam a ajudar não perderem tempo.

Estiveram sempre dependentes da meteorologia e da disponibilidade das pessoas a quem pediram ajuda. Como as condições climáticas se alteravam com muita facilidade, não era viável criar compromissos com os florentinos, senão a muito curto prazo. Assim, adaptaram a estratégia de programar sempre no dia anterior consoante a meteorologia do dia seguinte, avisando as pessoas somente nessa altura.

Durante a rodagem seguiram o *storyboard*. Os planos filmados estavam pensados e representavam as memórias da personagem (primeiro argumento), no entanto as realizadoras estiveram sempre disponíveis para deixar o filme ser invadido pela realidade.

Enquanto que a Joana estava responsável pela câmara no local, a Francisca e a autora do relatório estavam responsáveis pela captação do som. Como era uma equipa pequena foi necessário a interajuda e assistência nos cargos.

Ao longo dos dias de gravações puderam contar sempre com o Sr. Mário, que absorveu as indicações que as realizadoras lhe foram transmitindo nos planos em que ele intervinha. No entanto, foi lhe deixado liberdade para “ser ele mesmo”.

O Sr. José Vieira, o Sr. Paulo Jorge Sousa e o Simão Vieira foram também uma ajuda crucial neste processo. Disponibilizaram-se nos dois dias de filmagem em que interveio a vaca, por coincidência quando esteve muito vento, frio e chuva, controlando-a e levando-a para os locais combinados.

Por último, o apoio e conhecimento de Carlos Mendes, responsável pelas filmagens de *drone* (que não foram usadas no filme) e pela foto reportagem das gravações, foi indispensável para alguns planos de locais desconhecidos pelas realizadoras.

As realizadoras prepararam sempre lanches e snacks para os seus ajudantes, bem como guarda-chuvas e agasalhos.

Em cada dia de filmagem, fizeram uma revisão e seleção dos melhores *takes* de cada plano, de forma a adiantar o trabalho para a fase de montagem e a confirmar que não seria necessário repetir algum *take*.

Na fase final, ainda nos Açores, criaram um *casting* para a *voice over* do projeto através de um cartaz divulgado nas redes sociais. Obtiveram 6 respostas, no entanto nenhuma das vozes era ideal para o filme. Desta forma a autora contactou Marta Lima, responsável da agência “Agente a Norte”, que lhes indicou o ator Eloy Monteiro, como a voz ideal para o projeto.

3.2.2 Captação de Som

Um dos grandes desafios que sabiam que iriam encontrar, em não levar uma equipa especializada para cada cargo, era a captação de som, uma vez que nenhuma das três realizadoras tinha experiência nessa função. Optaram por escolher a Francisca e a autora do relatório como responsáveis pelo cargo. Tiveram que aprender e captar som da melhor forma possível.

Antes da viagem reuniram-se com o Artur que lhes explicou ao pormenor o equipamento que levavam. Usaram o *shotgun* para captação de sons mais específicos; a lapela para movimentos da personagem; e os NT5 para som ambiente.

Já previam algumas dificuldades na captação de som, devido ao intenso vento da Ilha das Flores e às rápidas mudanças de “estados de tempo”. O processo de montar o equipamento na fase de rodagem ainda demorava por ser bastante material e por serem apenas três.

Enquanto que a Francisca ficou encarregue de segurar na *perche* e apontá-la para os movimentos, a autora ficou responsável pelo gravador e por monitorizar os níveis de ganho e volume das captações. A abertura do microfone manteve-se nos 120 graus com 80 de volume. Com o *shotgun* o ganho podia ir no máximo ao valor -6; no microfone de lapela entre -6 e -12; e nos microfones NT5 entre -12 e -18.

O método adotado durante a rodagem foi o da duração longa de gravação de cada plano para no processo de montagem ter margem suficiente de início e fim de cada plano. Nas gravações com a personagem, as captações eram mais rígidas e específicas, enquanto nos planos de imagem simbólica havia maior liberdade e criatividade na captação e na repetição de *takes*.

3.3 Pós-Produção

3.3.1 Processo da Montagem

3.3.1.1 Criação de *Proxys*

Uma vez terminadas as filmagens seguiu-se a montagem do projeto, outro dos cargos desempenhado pela autora do relatório. Esta fase teve um papel muito importante e particular no resultado final do filme. Estava previsto que o primeiro passo neste processo seria a organização do material, no entanto essa tarefa foi sendo feita pelas três realizadoras ao longo da produção da curta na Ilha das Flores, após cada dia de gravações (como referi anteriormente).

Foi decidido pelas três que a autora iria fazer a montagem do filme no seu computador – *MacOS High Sierra (MacBook Pro)* - e para isso seria necessário fazer *proxys* das filmagens de 4K ultra HD/2160p para Full HD/1080p. *Proxys* corresponde em pegar nas filmagens originais e convertê-las para uma resolução mais baixa, de forma a facilitar o processo de edição. Foi necessário copiar todas as filmagens para pastas novas com o mesmo nome, acrescentando *proxys*, para que no final do processo (quando quisessem exportar o filme em 4K) fosse feito a associação de forma automática.

Primeiramente criou uma *timeline* no *Adobe Premiere Pro CC 2018* com todas as pastas das filmagens selecionadas em 4K; de seguida fez o processo de criação de *proxys* no *Adobe Media Encoder CC 2018* - passou as filmagens para H.264, criou um *preset* para o projeto (“*Proxy Projeto*”) e fez este procedimento com todas as pastas de filmagens selecionadas. Depois do processo de *proxys* estar feito, voltou para o *Adobe Premiere* e associou no separador de Projeto as pastas anteriormente importadas em 4K com as pastas *Proxys*.

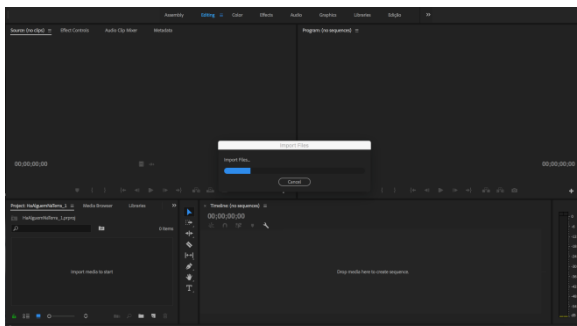


Figura 21: Print da importação das pastas de filmagem para o *Adobe Premiere Pro*

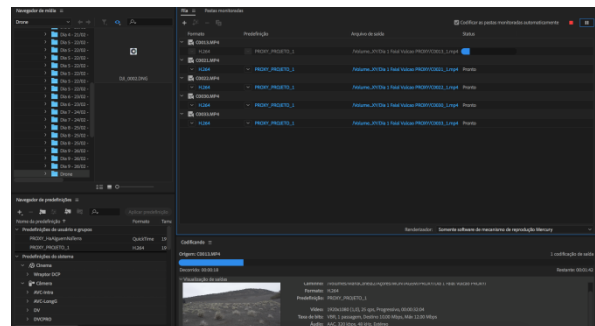


Figura 20: Print da criação de *proxys* no *Adobe Media Encoder*

3.3.2 Montagem

A montagem tem um papel bastante relevante num filme, pois é durante essa fase que o filme começa a ser construído, criando-se o ritmo e a estrutura que os realizadores pretendem.

O processo em “Há Alguém na Terra” seguiu o *storyboard*, embora as realizadoras tivessem efetuado mudanças e eliminação de planos quando entenderam que seria mais vantajoso para o resultado final. Como a autora referiu no estudo da montagem e filmografia, tinham o objetivo que o filme se caracterizasse por planos longos e intercalasse com imagens simbólicas.

O formato adotado foi decidido na fase de pré-produção e foi determinante na curta, para a imagem que as realizadoras queriam criar. Como queriam representar a pequenez do homem na imensidão da natureza e passar a noção da grandeza natural, optaram pelo formato 2.35:1 (*aspect ratio*). Na opinião das realizadoras também torna o filme mais cinematográfico e menos documental, pois a largura da imagem dá uma maior sensação de imponente e cinematografia. Assim, na janela das configurações de sequência, no tamanho do *frame* vertical, foi necessário alterar a altura 2160p para 1634p – isto é, dividir a altura pelo formato escolhido (2,35), que corresponde ao 1634p.

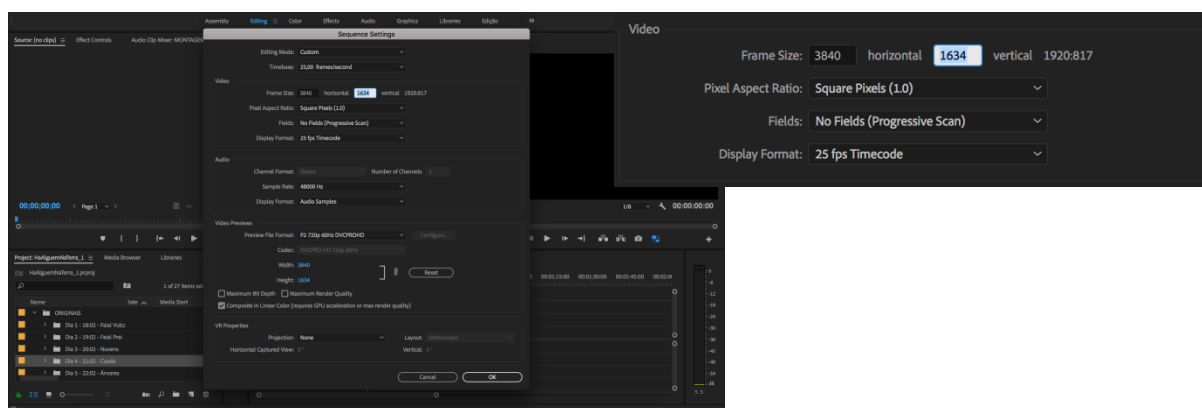


Figura 22: Print da janela de sequências



Figura 23: Still 3 do filme “Há Alguém na Terra” – formato 2.35:1

Em cada plano foi preciso cortar no início e no final da filmagem de forma a ficar com o momento da ação pretendido na *timeline*. Ao mesmo tempo que a autora fazia esta metodologia para as filmagens, teve que fazer o mesmo para o som gravado e sincronizá-lo com a filmagem. Em certos *takes*, foi essencial usar no separador de efeitos, na pasta de “Efeitos de Vídeo”, o estabilizador, visto que sendo uma ilha bastante ventosa, certos planos tremiam.

Ao longo da montagem as realizadoras tiveram que prescindir de planos que gostavam bastante (que focavam rotinas da personagem), mas que se tornaram irrelevantes e não acrescentavam sentido ao filme.

Foi durante esta fase que obtiveram uma resposta de Valter Hugo Mãe ao pedido sobre a cedência dos seus textos para adaptação. Infelizmente o autor não lhes deu autorização para o seu uso. Perante isto, foi necessário fazer um novo *brainstorm* para repensar o projeto. Assim, focaram-se nos *haikus* do livro *Os Animais* e transformaram o argumento em algo mais geral e retirando a importância ao personagem (homem). As realizadoras optaram por colocar o animal e a natureza no mesmo patamar que o homem e focar-se mais no ciclo da vida.

O argumento de “Há Alguém na Terra” através da montagem tornou-se em algo mais simbólico e ambíguo. Eliminou-se a ideia do *voice over* das memórias da personagem e acrescentou-se apenas três *haikus* introdutórios. Os *haikus* fazem uma personificação entre o homem e o pardal e uma analogia com a noite e a morte. O homem está a chegar ao fim da sua vida e mesmo que tente lutar contra o seu destino, a vida é efêmera – ciclo da vida. A cigarra é como se fosse o espectador que as realizadoras tentam que se relacione com o filme, nada é eterno. Também há uma contradição em relação aos *haikus* e às narrativas (intencional), uma vez que as realizadoras defendem que o projeto apresenta três bolsas temporais paralelas que se vão moldando ao longo do filme e nos *haikus* referimo-nos ao homem (personificado em pardal) como personagem principal.



Figura 24: Still 4 do filme “Há Alguém na Terra” – *haikus* introdutórios

A leitura que se faz sobre o filme é a de um homem que carrega um corpo cheio de histórias e memórias e que vai fazendo a sua rotina diária ao longo da ilha. A sua cara não dá respostas, não se sabe se o homem está em paz ou não. Está sozinho no mundo e faz parte da paisagem como uma pedra na imensidão da natureza.

“Há Alguém na Terra” é um filme em forma de poema, com uma carga contemplativa e emocional muito forte, caracterizando-se pela ausência de palavras e por uma imagem que enche o espectador de vida, mesmo que não lhe mostre de forma explícita, a morte. Ao longo do filme são apresentadas diversas contradições centradas na existência humana e na natureza; as pessoas vivem para morrer, a beleza da paisagem e a desolação da intempérie.

Foi assim que através da montagem transformaram o filme em algo mais poético e menos explicativo. Quiseram criar uma montagem em que o espectador entrasse no filme e se esquecesse do que estava à sua volta. Uma montagem que mostrasse um poema bruto sobre um lugar, um homem e a sua relação com o espaço. Construíram e apresentaram a personagem ao longo do filme, focando-se mais nos planos abertos e gerias que se tornaram mais fortes cinematograficamente, do que nos fechados - *close ups* - que transformavam a personagem num ser humano mais caricato e que perdia a sua força. Para além de quererem passar a mensagem a pequenez do homem na imensidão da natureza.



Figura 25: Still 5 do filme “Há Alguém na Terra” – close up da personagem

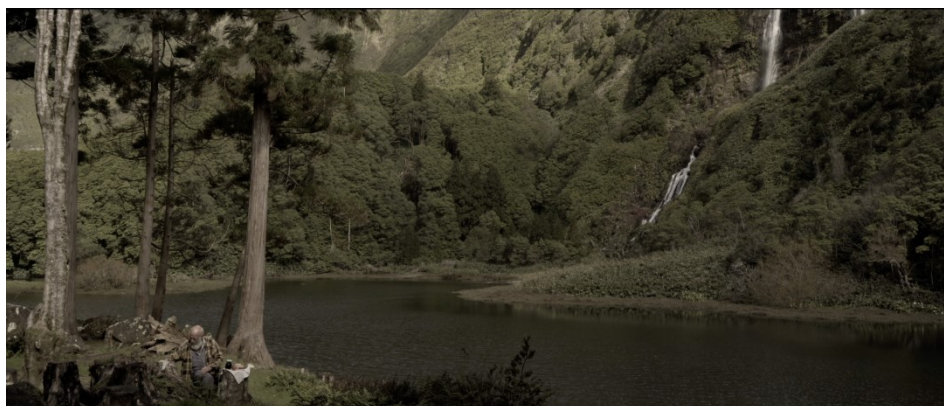


Figura 26: Still 6 do filme “Há Alguém na Terra” – plano geral no poço



Figura 27: Still 7 do filme “Há Alguém na Terra” – plano geral no farol

No filme, o homem, o animal e a natureza estão ao mesmo nível, tentando criar um equilíbrio de tempo de planos entre eles. Os animais são seres com vida própria e indiferentes à vida daquele homem e a natureza é muito maior do que tudo, não precisa do homem para existir.

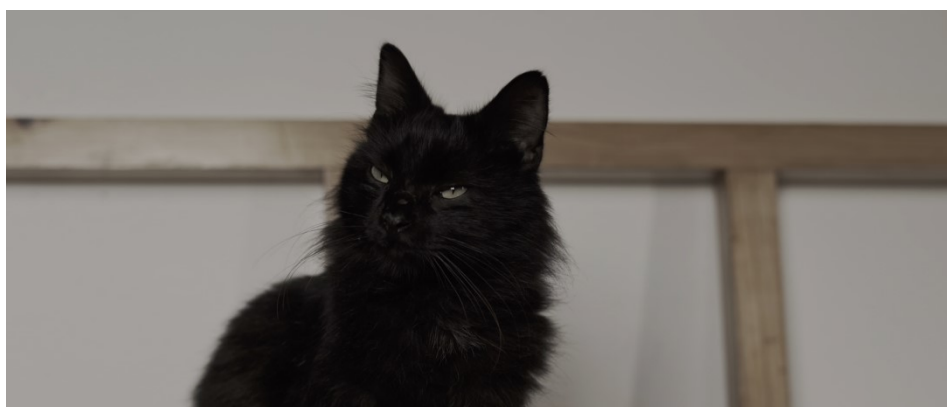


Figura 29: Still 8 do filme “Há Alguém na Terra” – plano do gato

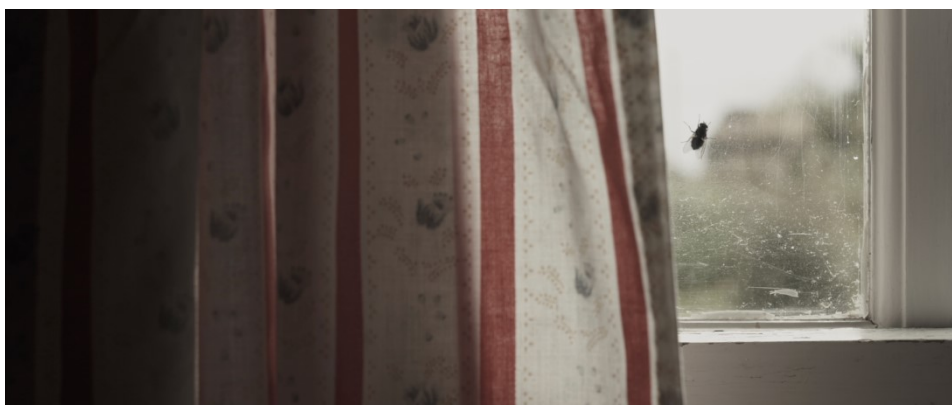


Figura 28: Still 9 do filme “Há Alguém na Terra” – plano da mosca



Figura 30: Still 10 do filme “Há Alguém na Terra” - plano da vaca

Sendo um filme em que não se sabe a definição do tempo, certos planos, como a sombra das nuvens a passar nas montanhas e as nuvens a passar no céu, refletem a passagem do tempo e o passar da vida.



Figura 31: Stills 11 e 12 do filme “Há Alguém na Terra” – plano núvens e montanhas

O facto de a curta metragem começar e acabar com planos do simbolismo do farol representa novamente o ciclo, a passagem de tempo e o fim da vida– começa e acaba no mesmo local.

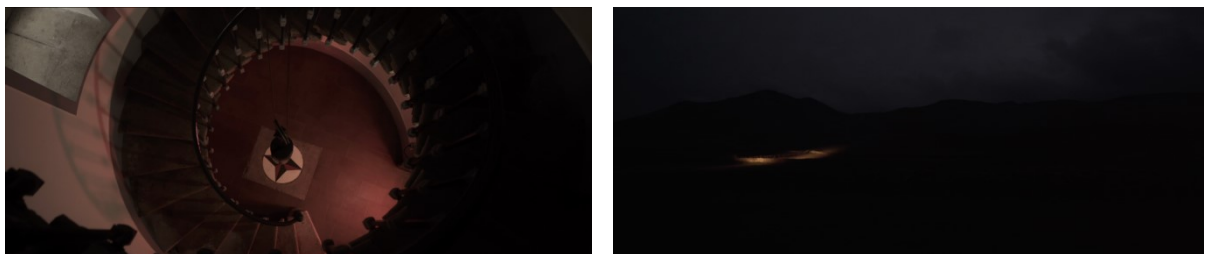


Figura 32: Stills 13 e 14 do filme “Há Alguém na Terra” – primeiro e último plano

No filme o significado das três estradas finais está relacionado com a vida da personagem – o caminhar para o final da sua vida.



Figura 33: Stills 15, 16 e 17 do filme “Há Alguém na Terra” – planos dos caminhos

No último plano do filme há um *fade-out* – corresponde a uma forma de transições da luz até ao ecrã negro - lento e longo, antes de aparecer o título do filme, como uma réstia de esperança final para aquele homem.

Como algumas filmagens foram feitas em terrenos montanhosos, foi necessário, no separador de controlo de efeitos, ajustar a posição, a escala e a rotação, endireitar e enquadrar a imagem relativamente ao formato escolhido. Um dos problemas com que as realizadoras se depararam no processo da montagem foram as manchas de sujidade que surgiram da manipulação do equipamento ao longo das filmagens, durante a fase de produção. Com a ajuda do Professor Ricardo Ferreira, foi feita a limpeza dessas imperfeições em seis filmagens no *Nuke Studio*.

Após a montagem estar terminada acrescentaram ao projeto do *Premiere* os textos introdutórios e a ficha técnica feitos no *Adobe After Effects CC 2018* pela Francisca. A autora importou o *clip* gravado e colocou-o no início e no final do filme.

Com a montagem já finalizada, foi necessário exportar o projeto em formato OMF (*Open Media Framework*) para o Artur (responsável pela mistura) poder trabalhar no som do projeto.

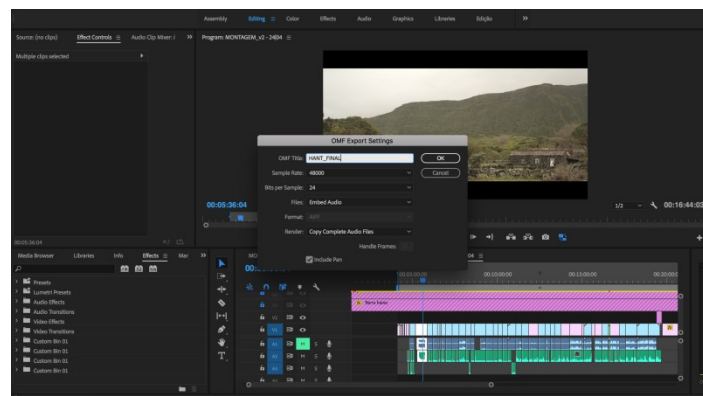


Figura 34: Print da exportação em formato OMF

Por último, a autora fez a exportação do projeto para ficheiro XML (*Extensible Markup Language*) para na fase seguinte se fazer correção de cor no *DaVinci Resolve*.

3.3.3 Ajustes no DaVinci Resolve

A etapa da correção de cor foi extremamente satisfatória para as realizadoras verem o resultado final da imagem. Foi necessário no programa *DaVinci Resolve 16* importar o ficheiro XML e colocá-lo na *timeline*.

A transformação que as realizadoras queriam na imagem a nível da cor era algo muito subtil, mas que reforçasse o contraste e o negro. Apesar de terem filmado num formato (*CINE 4* exteriores e *CINE 2* interiores) já muito sóbrio, a saturação e o verde vivo da Ilha das Flores foram diminuídos na correção, bem como o aumento dos pretos e, por vezes, os *highlights*. No primeiro plano e nos últimos três planos do filme foi essencial, antes de fazer a correção à cor, diminuir o *denoise*. Como eram locais com pouca iluminação, o ISO estava bastante mais alto.

Após a correção de cor estar finalizada e ser entregue a mistura final de som, importou-se esse ficheiro *media* e a autora colocou-o juntamente com o ficheiro de imagem na *timeline*. Fizeram também o mesmo processo para o *media* legendado.

Com a ajuda do João Pereira fizeram a exportação em DCP – *Digital Cinema Package* - e em *AppleProRes* 1080p.

Foi também nesta fase que a Francisca juntamente com a Joana e a autora criaram o cartaz do filme (consultar apêndice I).

3.3.4 Sonoplastia e Música

Em qualquer produção audiovisual o equilíbrio entre o som e a imagem são fulcrais para que se possa transmitir a mensagem programada.

Numa fase inicial do projeto, como referido anteriormente, as realizadoras imaginavam uma *voice over*, como se fosse a voz do personagem, a narrar as suas memórias. Mas ao longo de todo o processo e transformação do filme acabaram por sentir que uma voz não acrescentaria nenhuma camada importante ao filme.

As realizadoras tinham a noção que o trabalho de som era muito importante e que seria necessário fazer sobressair alguns sons mais íntimos como o som da vaca, dos pássaros e do gato, igualando-os com os do personagem. Sons mais ligados com o ciclo da vida (terra, trovoadas, chuva, vento) e um som ambiente realista.

No que diz respeito ao *design* e mistura de som foi necessário reunir com o Artur, ao longo do processo do trabalho, para transmitirem a vontade de realce em certos planos (trovoadas,

tranquilidade do mar, vento dentro do farol), mas ao mesmo tempo manter a realidade de som em todos os planos.

Numa primeira versão entregue pelo Artur, foi preciso diminuir muitos dos sons, como vento e pássaros que este tinha colocado em todos os planos, bem como pedir ao Bernardo que fizesse *foleys* de planos (a personagem a almoçar, vaca a andar e a comer).

As realizadoras sempre idealizaram que o filme fosse também caracterizado por momentos de mais silêncio, para que abrisse aos espectadores horizontes que a imagem contempla e por vezes escapa através do som. Queriam que houvesse o desafio do silêncio que impacienta o espectador e o obriga à sua própria leitura.

Numa fase final de som, as realizadoras reuniram-se com Artur para ouvir plano a plano e fazerem as alterações de que mais sentiam necessidade.

Em relação à banda sonora sempre foi muito importante para as realizadoras que a mesma existisse, de forma a criar mais uma camada de emoção no espectador. As realizadoras pediram ao Diogo uma música que elevasse a imagem e que não a consumisse, algo que fosse tenso, simples, sensível e pouco melódico.

Num primeiro pensamento, trabalharam para ter música no início, durante os caminhos e no final do filme. No entanto optaram apenas por colocar música onde sentiram necessidade - no final do filme – e deixar o resto do filme num estilo mais documental.

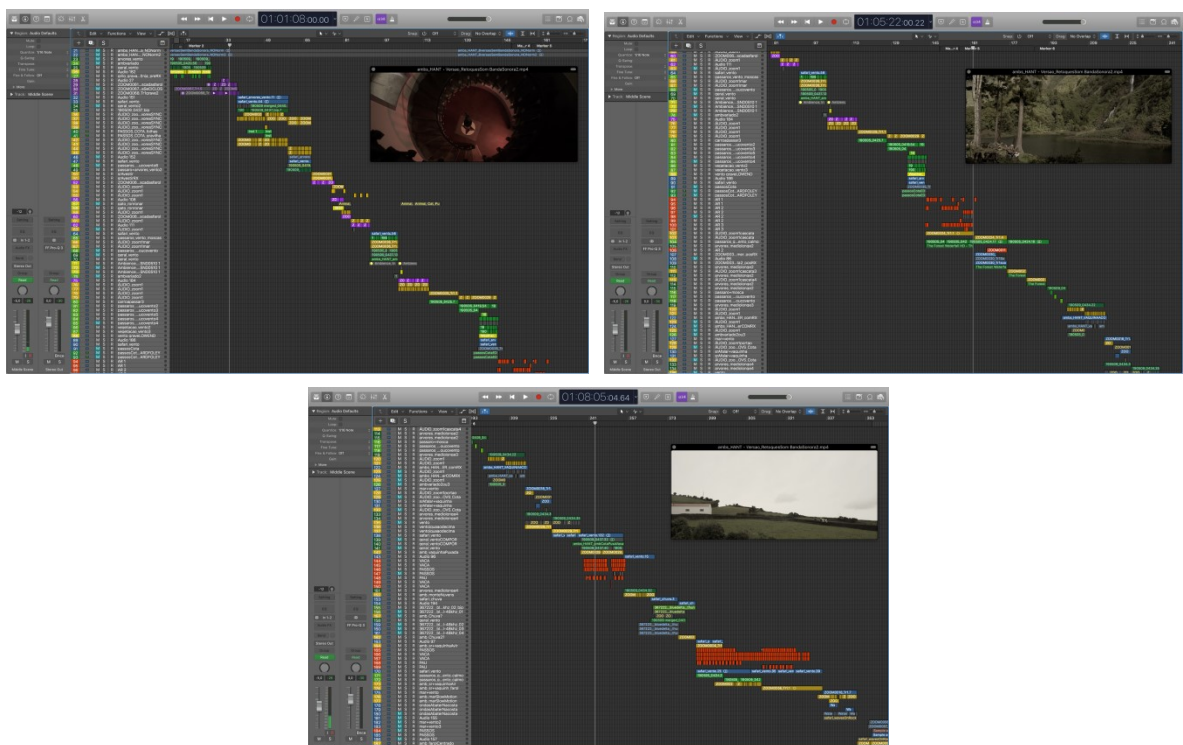


Figura 35: Print do programa - Logic Pro X - usado pelo Artur

CONCLUSÃO

“Há Alguém na Terra” foi um projeto de muita transformação ao longo do seu percurso de quase um ano, conforme se ia evoluindo nas suas diferentes fases. O primeiro conceito proposto foi-se moldando à medida que as realizadoras pesquisavam, viajavam e criavam a estética do filme. No entanto, a vontade inicial de criar um filme que de alguma forma fizesse o espectador refletir e pensar na sua vida sempre se manteve. As realizadoras acreditaram sempre que o tema do filme deveria transmitir ao espectador um sentimento do valor da vida e do que de bom ela nos dá.

Ao longo do ano a autora sentiu que aprendeu muito sobre diversos e variados cargos, sobre filmes de diferentes perspetivas e géneros, sobre autores mais sensíveis e poéticos e sobre temas emotivos que pode questionar e aprofundar. A aprendizagem técnica cresceu em todos os níveis, tanto no à-vontade e capacidade de manusear todo o equipamento - tanto de filmagem como o de som -, como nas ferramentas técnicas dos programas usados (*o Adobe Premiere Pro* e *o DaVinci Resolve*). Igualmente no que diz respeito ao processo de construção de uma curta-metragem, foi evidente a evolução nas várias fases: desde a ideia inicial, à construção do argumento e definição do tratamento, ao desenvolvimento da montagem e da cor e ao trabalho com a equipa de som.

Na curta metragem a forma como as realizadoras queriam passar a mensagem ao espectador exigiu o estudo da melhor forma de o fazer, o que permitiu à autora aprofundar os conhecimentos em todas as áreas, mas principalmente na montagem. A montagem vai muito para além da componente técnica de cortar e juntar os planos, é forma como a história é contada para o espectador e a importância de passar a mensagem. A aprendizagem que o filme requereu foi ideal para o crescimento pessoal e profissional. Este projeto exigiu um trabalho exaustivo e profundo, essencialmente por se tratar de uma pequena equipa.

O facto de a autora ter sido realizadora juntamente com duas colegas e amigas, transformou todo o processo em algo muito pessoal e com um sentimento importante para elas. Ter ficado responsável, também pela montagem, foi algo enriquecedor e trabalhoso, mas ideal para a aprendizagem da área que a autora prefere.

Um dos aspetos mais importantes para a autora foi conhecer a Ilha das Flores, mais precisamente a comunidade florentina. Sem dúvida um lugar remoto, cheio de genuinidade e pessoas incríveis, longe ainda dos tempos modernos e onde a essência do momento é levada ao máximo.

Apesar de todos os constrangimentos que as realizadoras tiveram, como as viagens adiadas, as dificuldades na captação de som e a reformulação do argumento, tudo se resolveu com tempo e trabalho e a equipa conseguiram desenvolver um projeto bastante profundo e conceptual.

Durante o ano de trabalho, contaram com o apoio do Orientador Professor Daniel Ribas que foi crucial para a criação do filme. As suas sugestões filmográficas e literárias, as diferentes interpretações narrativas e os debates sobre o projeto, fizeram com que a curta metragem crescesse e se transformasse em algo mais poético e cinematográfico.

Por fim, a autora sente-se muito feliz e satisfeita com o resultado final do filme. Este projeto fez com que desse ainda mais valor às pessoas à sua volta e aos momentos importantes na sua vida, aproveitando-os ao máximo.

FILMOGRAFIA

AREIAS, R. (Produtor/Realizador). (2018). *Hálito Azul* [Filme]. Portugal.

BARBASH, I. (Produtora), CASTAING-TAYLOR, L. (Realizador). (2009). *Sweetgrass* [Filme]. Estados Unidos.

FIGUEIRAS, J. (Produtor), JACOME, J. (Realizador). (2017). *Flores* [Filme]. Portugal.

GARDNER, D. (Produtor), GREEN, S. (Produtor), HILL, G. (Produtor), PITT, B. (Produtor), POHLAND, B. (Produtor), MALICK, T. (Realizador). (2011). *A Árvore da Vida* [Filme]. Estados Unidos.

GORECZKA, E. (Produtor), SEILLE, G. (Produtor), DEVDARIANI, N. (Produtor), OVASHVILI, G. (Realizador). (2014). *Ilha do Milharal* [Filme]. Alemanha.

PAONESSA, G. (Produtor), DONZELLI, M. (Produtor), FRAMMARTINO, M. (Realizador). (2010). *As Quatro Voltas* [Filme]. Itália.

TOCHA, G. (Produtor/Realizador). (2007). *Balaou* [Filme]. Portugal.

WALDBURGUER, R. (Produtora), TARR, B. (Realizador), HRANITZKY, A. (Realizadora). (2011). *O Cavalo de Turim* [Filme]. Hungary.

BIBLIOGRAFIA

- AMIEL, V. (2007) – *Esthétique du Montage*. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lda.
- BRANDÃO, R. (2011) – *As Ilhas Desconhecidas* – Notas e Paisagens. Lisboa: Quetzal Editores.
- BRANDÃO, R. (2011) – *As Memórias*. Lisboa: Renascença Portuguesa.
- BRANDÃO, R. (2014) – *Os Pecadores*. Porto: Porto Editora
- ISSA, K. (2019) – *Os Animais*. Porto: Porto Editora
- LOPES, S. (2015) – *Manual Prático de Produção*. Lisboa: Chiado Editora
- MARNER, T. (2017) – *Directing Emotion Pictures*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- MÃE, V. & VALADAS, C. (2013) – *A Desumanização*. Porto: Porto Editora.
- NOGUEIRA, L. (2019) – *Manuais de Cinema III: Planificação e Montagem*. Covilhã: Livros LabCom.

APÊNDICE A

Locais mais icônicos da Ilha das Flores



1. Poço da Ribeira do Ferreiro



Este é o lugar mais belo da ilha das Flores. Outrora chamava-se Lagoinha ou Poço das Patas mas agora é a placa da Ribeira do Ferreiro que tem que procurar. Basta estacionar o carro, caminhar por um percurso de pedra cerca de 30 minutos (cuidado se tiver chovido porque escorrega) e contemplar um pedaço do paraíso.

2. Rocha dos Bordões

Esta rocha, com primas basálticos, é uma imagem de marca da ilha das Flores. Há um miradouro na estrada que a permite contemplar com todo o seu esplendor desta maravilha da natureza. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores e que vale a pena contemplar.



3. Lagoa Comprida e Lagoa Escura



Estas são as lagoas mais acessíveis da ilha, lado a lado, vistas do topo dos miradouros das Lagoas. É um dos lugares mais bonitos da ilha das Flores e que não deve perder. É aqui que tem início um dos trilhos mais bonitos da ilha – o PR3FLO que liga as Lagoas ao Poço do Bacalhau.

4. Fajã Grande e Poço do Bacalhau

O Poço do Bacalhau é uma queda de água impressionante na Fajã Grande, quase no centro da povoação. Basta caminhar dois minutos para chegar à base da queda e testemunhar o som estridente da água a cair numa lagoa. É um lugar encantador. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores.



5. Aldeia da Cuada



A Aldeia da Cuada é uma aldeia típica açoriana situada nas fajãs da parte ocidental da ilha das Flores. A aldeia esteve abandonada durante anos, até que um casal do Pico resolveu recuperá-la aos poucos e transformá-la numa unidade de Turismo de Aldeia. Hoje é um dos melhores exemplos desta modalidade de Turismo Rural em Portugal e um lugar de visita obrigatória.

6. Fajãzinha

A Fajãzinha é uma povoação pequenina na parte ocidental da ilha das Flores. As melhores vistas sobre a Fajãzinha são do miradouro de Mosteiro mas vale a pena descer à povoação para apreciar o modo de vida rural tradicional. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores.



7. Ponta Delgada



Na extremidade norte da ilha está a povoação de Ponta Delgada, com uma fajã agricultada e com vista sobre a ilha do Corvo. É um lugar deslumbrante e excelente para comer peixe e marisco fresco. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores. Não perca logo à frente o farol de Albarnaz.

8. Lagoa Seca e Lagoa Branca

A Lagoa Seca foi uma das nossas preferidas. Corresponde a uma caldeira vulcânica, que quando chove tem um pouco de água. No entanto, a maioria do tempo está completamente seca e vê-se perfeitamente a fundo da caldeira. Um pouco mais à frente, está a lagoa Branca, uma lagoa pouco profunda, onde a água se espalha por uma cratera ampla no planalto da Ilha das Flores.



9. Santa Cruz das Flores



Santa Cruz das Flores é a “capital” da ilha, a maior povoação e onde se localiza o aeroporto. A maioria das pessoas visita a povoação quando chega ou sai da ilha e é uma ótima opção. Vale a pena visitar a Fábrica da Baleia do Boleirão, as piscinas naturais e a igreja, assim como caminhar um bocadinho pela povoação.

10. Lagoa Funda e Lagoa Rasa

Estas são as lagoas mais difíceis de ver na ilha das Flores, no entanto tente ir lá várias vezes porque vale realmente a pena. Podem estar cobertas de nevoeiro muitas vezes, mas vá tentando porque o show das nuvens é incrível e os miradouros também. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores.



11. Igreja da Fazenda



A Fazenda é uma das povoações mais pequenas da Ilha das Flores mas tem provavelmente a igreja mais bonita da ilha. Rodeada por campos verdes de pastagens, ponteados por gado bovino, o cenário é verdadeiramente idílico. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores com um cheirinho às características mais rurais e tradicionais dos Açores.

12. Morro Alto

O Morro Alto é o ponto mais alto da ilha com 914 m de altitude. Se o tempo estiver limpo, as vistas lá de cima são impressionantes e avassaladoras. No entanto, aguarde-se bem porque os ventos são muito fortes. Um lugar obrigatório para visitar na ilha das Flores.



13. Lagoa da Lomba



A lagoa da Lomba é a lagoa mais pequena da ilha mas é especialmente bonita e vale a pena ir espertá-la para explorar essa parte da ilha. Pode combiná-la com a Lagoa Funda e a Lagoa Rasa porque a estrada que liga as duas áreas da ilha é magnífica.

14. Lajes das Flores

Bem-vindo ao concelho mais ocidental da Europa! A povoação das Lajes das Flores tem um belo farol, sobranceiro ao mar, uma igreja muito bonita e detém o título do concelho mais ocidental da Europa. Razões suficientes para ir conhecê-lo.



15. Aldeia do Lajedo



A pequena aldeia do Lajedo, na parte ocidental da ilha das Flores, é encantadora e quase idílica. Um lugar pequenino, bem tradicional onde o modo de vida rural, com vista sobre o imenso Atlântico conquista logo ao primeiro olhar.

APÊNDICE B

Habitantes entrevistados



APÊNDICE C

Dossier 1ª viagem – comparação Ilha Terceira com Ilha das Flores

ILHA TERCEIRA
13 a 17 de Nov. e 20 a 21 de Nov.

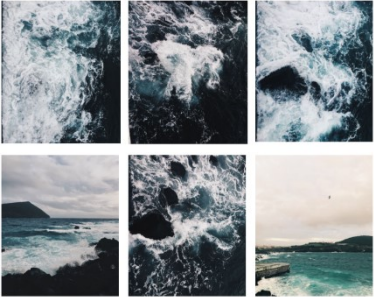
Prós:

- Meteorologia mais estável e facilidade de acesso
- Logística simplificada: casa, farol e mar juntos no mesmo local
- Apoio do Sr. Lúcio e dos fareiros
- Drone 4K garantido com respetivo “piloto”

Contras:

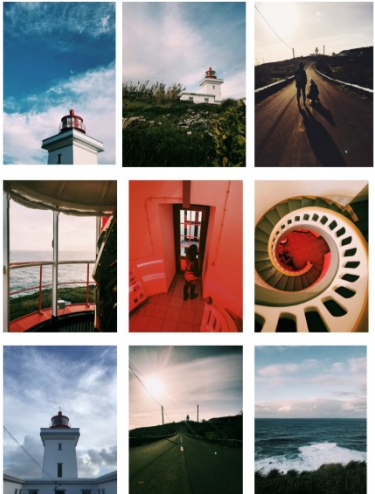
- Casa vazia: necessidade de remodelação total (Direção de arte intensiva)
- Personagem de terceira idade não assegurada
- Paisagem natural menor e menos bonita relativamente à Ilha das Flores

O MAR - ANGRA DO HEROISMO

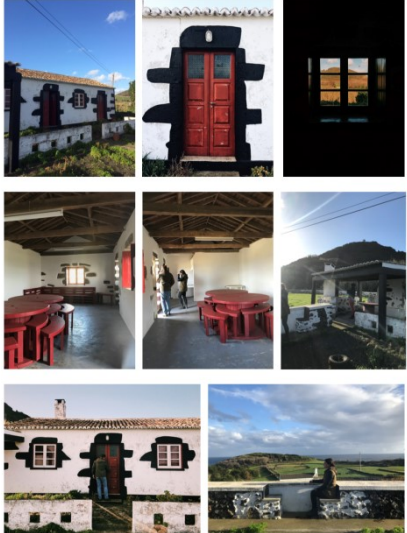


Local perto da cidade. Facilidade em obter o mesmo tipo de imagens do mar na Ilha das Flores.

FAROL DAS CONTENTAS



A CASA – SR. LÚCIO



NATUREZA E ARREDORES



ILHA DAS FLORES

17 de Nov. a 19 de Nov.

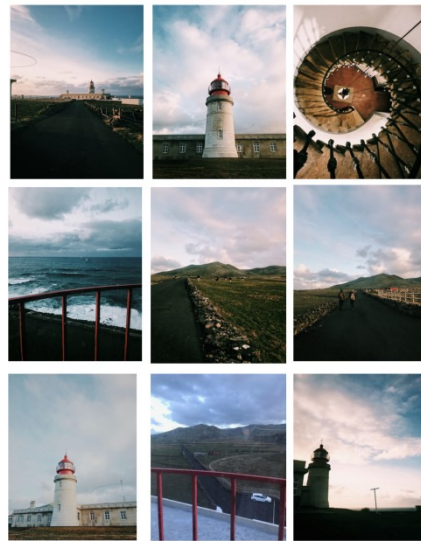
Prós:

- Personagem de terceira idade assegurada: Sr. Mário (ou Sr. José)
- Casa idealmente decorada e realista na aldeia da Cuada
- Maior diversidade e beleza de paisagem natural relativamente à Ilha Terceira
- Farol cinematográfica ideal, tendo sido sempre a 1ª escolha

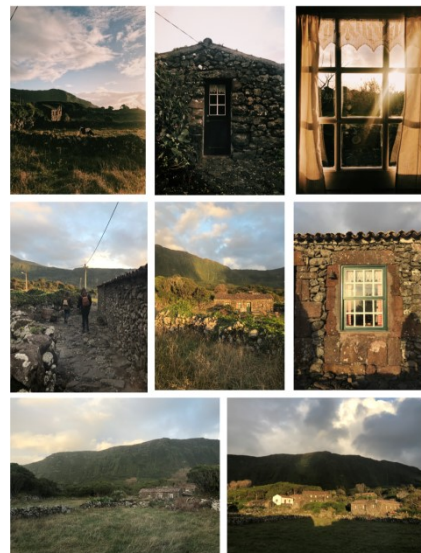
Contras:

- Meteorologia muito instável e difícil acesso
- Dificuldade de condição noturna
- Logística mais complicada: casa/ farol/ mar/ natureza bastante dispersos pela ilha
- Drone 4K não garantido e em falta
- Necessidade de aluguer de casa para as filmagens

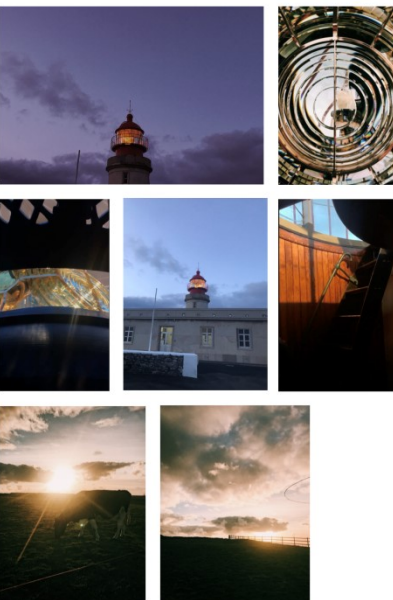
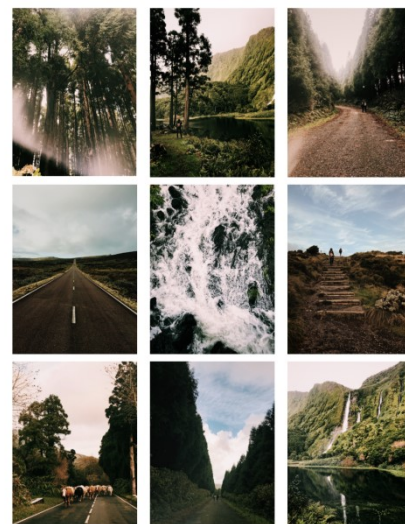
FAROL DA PONTA DE ALBERNAZ



A CASA – ALDEIA DA CUADA



NATUREZA E ARREDORES



Aldeia da Cuada e arredores - <https://www.youtube.com/watch?v=21-pKU-MYGU>

APÊNDICE D

Orçamentos: 1ª viagem

| | PREVISTO | GASTO |
|----------------------------|------------|----------|
| VIAGEM | 169,29 € | 169,29 € |
| ESTADIA | 509 € | 181 € |
| CARRO | 111,93 € | 229,49 € |
| GASOLINA | 38,66 € | 44,76 € |
| ALIMENTAÇÃO | 648 € | 248,81 € |
| EXTRAS (TAXI, PARQUIMETRO) | 0 € | 51,10 € |
| TOTAL | 1 476,88 € | 924,45 € |

Orçamentos: 2ª viagem

| GASTOS | VALORES | |
|-----------------------------------|--|--------|
| VIAGENS | 401,45€ (voos) 22€ (peso mala) 16,99€ (seguro ida) 152,38€ (voo extra de volta) | 592,82 |
| ESTADIA PONTA DELGADA | 43€ (ida) 37,43€ (volta) | 80,43 |
| ESTADIA FLORES | 360 € | 360 |
| ALIMENTAÇÃO PONTA DELGADA E FAIAL | 5,22€ (super) 15,65€ (jantar MAC) 16,95€ (super faial) 19,20€ (almoço aeroporto joana e maria) 4,70€ (lanche joana e maria) 10,10€ (almoço kika) 10,40€ (jantar maria e joana) 4,25€ (gelados) | 86,47 |
| ALIMENTAÇÃO FLORES | 84,43€ 8,67€ (chocolates) 3,74€ (cereais) 7,33€ (lanche) 6,89€ (papel + chocolate) 2,11€ (leite) 15€ (jantar solidário) | 128,17 |
| GASOLINA | 49,50€ 10€ | 59,5 |
| TAXIS | 20€ (pt) 50€ (vulcão) 14€ (praia) 20€ (pt) | 104 |
| ESTRUTURA | 5,50 € | 5,5 |
| TOTAL | 1 416,89 € | |
| EM FALTA | 83,11 € | |

APÊNDICE E

Construção da personagem

| | |
|---|---|
| <p>1. DESCRIÇÃO BASE</p> <p>Possíveis nomes: Carlos / Raul / Afonso / Artur / Benjamim / Gabriel Possíveis apelidos: Bastos / Torres / Lima / Cruz / Reis / Maia</p> <p>GABRIEL CRUZ</p> <ul style="list-style-type: none"> — 79 anos — Careca — Olhos azuis acinzentados — Estatura média (1,70) — Peso: 50 kg <p>Características diferenciadoras</p> <ul style="list-style-type: none"> — Barba comprida branca — Nariz grande — Olheiras inchadas — Careca — Postura curvada — Fumador | <p>2. PERSONALIDADE</p> <p>Gabriel é um homem introvertido, aparentemente bruto e desapegado mas, no seu interior, é uma pessoa extremamente sensível e vulnerável. É um homem com uma vida solitária e, por isso, valoriza muito as pequenas rotinas do dia: é capaz de ficar uma tarde inteira no pomar, uma manhã inteira a ler um livro, um dia inteiro a tratar dos animais do vizinho do lado. Como tal, é uma pessoa que vive muito dos pequenos momentos e, de certa forma, são esses pequenos momentos que insiste em relembrar como os importantes momentos da vida.</p> <p>Gabriel sente uma ligação especial à terra e aos animais, uma vez que viveu a vida toda como lavrador. Tem também uma forte ligação com o mar, proveniente dos anos que passou na marinha de guerra - onde sente que aprendeu a valorizar a vida. Para ele, o grande e único alicerce que todos nós temos na vida é o amor. Foi casado a vida inteira com Amélia, com quem teve um só filho chamado João - que vive atualmente com a sua família no Continente.</p> <p>Devido à recente morte da sua mulher, Gabriel está ainda a adaptar-se a uma vida individual e mais solitária. Tentando muitas vezes compreender a morte e o que o espera do outro lado, acredita que existe algo superior que controla o nosso destino. Foi criado num seio católico mas não se rege pela religião. Só tem a certeza que existe uma força superior inexplicável, não sob a forma humana mas sim intrínseca na natureza que o rodeia.</p> <p>3. MOTIVAÇÃO</p> <p>3.1. Objetivo da personagem — Gabriel está num processo de aceitação de que a vida está realmente a chegar ao fim e, por isso, o objetivo dele é apenas viver o dia a dia, o presente, a rotina e as pequenas coisas boas que a vida ainda lhe dá. Tenta compreender e aceitar a morte, tornando-a numa coisa banal e bonita, para que não sinta medo dela.</p> <p>3.2. Plano da personagem para atingir o objetivo — Valorizar a vida que teve e refletir sobre as pequenas coisas que relembra do passado como forma de manter as memórias e as pessoas vivas.</p> |
|---|---|

4. O PASSADO DE GABRIEL

- Nasceu na Ilha das Flores no dia 3 de Maio de 1939;
- Tem 2 irmãos: Raul e Artur;
- Dos 4 aos 11 anos estudou e aprendeu a ler; quis estudar mais mas os irmãos não queriam e, por isso, o pai achou justo que ele não estudasse mais também;
- Aprendeu a ser lavrador com o pai mas não gostava muito porque queria era estudar;
- Começou a namorar Amélia aos 17 anos, numa festa de carnaval na ilha. Amélia tinha 14 anos.
- Eram obrigados a ir para a tropa mas o Gabriel fez um pedido especial para se juntar à Marinha;
- Em abril de 1959, ano em que comemorava os seus 20 anos, entrou na Marinha de Guerra. Na altura ficou contente porque viu nisso uma fuga ao trabalho na terra;
- Fez um grande amigo na Marinha chamado Benjamim. Foi o seu grande apoio durante aqueles meses. Pouco tempo antes de Gabriel regressar, Benjamim morreu num acidente [numa noite de festa em alto mar, há uma briga entre os marinheiros bêbedos e, no meio da luta, ele caiu no mar e morreu afogado]. Com a morte inesperada deste grande amigo, e com os meses solitários que se aproximaram, Gabriel começou a dar mais valor à vida, especialmente a quem o esperava na ilha;
- Enquanto Gabriel esteve na Marinha, Amélia arranjou um emprego numa casa de bordados chamada Brandão;
- Ficou 1 ano e 10 meses (tempo obrigatório) na marinha de guerra. Voltou em Fevereiro de 1961. A guerra colonial começou pouco tempo depois, em Março de 1961;
- Gabriel e Amélia casaram em setembro de 1961, poucos meses depois dele voltar da Marinha. Gabriel tinha 22 anos e Amélia 19 anos;
- Amélia engravidou em 1962, 1 ano depois do casamento. João nasceu em Março de 1963.
- Gabriel continuou a vida como lavrador, mas agora de forma voluntária e com gosto. Como viviam da lavoura e tinham um filho, Amélia saiu da casa dos bordados para tratar da casa e criar João. Mas manteve a sua obsessão por bordados e, nos tempos livres, continuava a praticar;
- Gabriel, com o passar dos anos, criou uma paixão por árvores;
- João cresceu e, em 1981 (com 18 anos), foi estudar para Portugal continental. Ai, Gabriel (com 42 anos) decidiu vender os terrenos e as vacas para poder pagar os estudos ao filho. Manteve apenas o pomar.
- Amélia morreu de pneumonia em 2015, com 73 anos.
- Nos últimos 3 anos, Gabriel vive sozinho e solitário.

BREVE PESQUISA SOBRE A MARINHA

- Aqueles que acabavam o curso, iam para a marinha.
- Os que estariam no início do curso (normalmente os de economia ou direito) iam muito para a marinha.
- A tropa só se podia fazer no Continente.
- Pessoas sem estudos ia para soldado na tropa e não para a marinha. Mas podiam fazer um pedido especial, desde que o motivo fosse válido.
- Se não tivessem estudos, eram grumete na marinha ou soldado na tropa.
- Os grumetes fazem parte da tripulação dos barcos que andam a fazer a fiscalização das águas, a confirmar se havia ou não uma invasão de barcos de outras nacionalidades, faziam apoio aos pescadores, controlavam o contrabando e as costas. Tinha um quartel em terra no Continente mas viajavam pelo mar.
- A Marinha não entrou na guerra medieval mas entrou na guerra do ultramar em 1961. Ai, ou iam para a Guiné ou para Angola ou para Moçambique. Grande parte dos fuzileiros navais foram para a Guiné porque tinham muitos rios e uma costa bastante problemática. Fizeram também patrulhamento dos rios em Angola em 1961.

APÊNDICE F

Primeiro Argumento - Guião

| | |
|--|--|
| <p>FUNDO PRETO</p> <p>GABRIEL</p> <p>A humanidade começa nos que te rodeiam e não exatamente em ti. Ser-se alguém implica a tua mãe, o teu pai, as tuas pessoas. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão como uma coisa qualquer.</p> <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. FAROL - FIM DE TARDE/NOITE</p> <p>[igual ao último plano do filme]</p> <p>GABRIEL</p> <p>A beleza do mundo está sempre em alguém. Se não houver ninguém, será que a lagoa é bela? Ainda que as palavras sejam débeis e as usemos por pura ilusão, todas as lagoas do mundo dependem de sermos pelo menos dois. Para que um veja e o outro ouça. (...)</p> <p>EXT. CASA - MANHÃ</p> <p>Vista próxima dos lençóis e camisas no estendal, que esvoaçam graças ao vento que se faz sentir. Por entre a roupa que flutua, avista-se a cara de Gabriel, ainda de pijama, enquanto retira a roupa do estendal.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) E aqui estou eu à espera de quem passa - e não passa ninguém.</p> <p>Aqui onde acabam as palavras, aqui onde começa o mundo que conheço. Aqui neste tremendo isolamento onde a vida artificial está reduzida ao mínimo, só as coisas eternas perduram. (...)</p> <p>Vista muito geral sobre a casa. Gabriel recolhe toda a roupa do estendal e, de seguida, volta para o interior da casa. O plano mantém-se durante um tempo, de forma a dar importância ao isolamento do terreno e ao som da natureza em redor.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Não se pode fugir à monotonia da existência, à solidão que nos cerca, à arquitetura dos montes que apertam e esmagam. Aqui o mundo</p> <p>(MAIS)</p> <p>(CONTINUA)</p> | <p>CONTINUA:</p> <p>2.</p> <p>GABRIEL (CONTINUA)</p> <p>não tem peso mas nunca senti como aqui o peso da realidade e do tempo.</p> <p>A cada hora que passa a vida parece ou muito complicada e misteriosa ou muito simples e evidente.</p> <p>Aqui só há uma coisa a fazer: não é olhar para fora, é olhar para as almas.</p> <p>INT. QUARTO - MANHÃ</p> <p>Gabriel aparece em tronco nu, em contra luz da janela do quarto, a vestir a camisa e camisola.</p> <p>INT. CASA DE BANHO - MANHÃ</p> <p>Gabriel apara minuciosamente a barba na casa de banho, em frente ao espelho.</p> <p>EXT. JARDIM DA CASA - MANHÃ</p> <p>Gabriel apara a relva com o corta-relvas automático.</p> <p>EXT. CASA - MANHÃ</p> <p>Vista frontal da casa. Gabriel acaba de cortar a relva e desliga a máquina. Por fim, silêncio. Ouve-se as notícias no rádio antigo, já ligado, que se encontra no parapeito da janela de casa. Gabriel volta a entrar. O plano mantém-se mas conseguimos vê-lo na cozinha através da janela aberta.</p> <p>EXT. CARRO - MANHÃ</p> <p>Ouve-se o rádio do carro, sintonizado na mesma estação do rádio antigo de casa. Gabriel conduz para o local onde costuma almoçar todos os dias, sozinho.</p> <p>(Um plano lateral do Gabriel a conduzir; um plano geral superior do carro na estrada reta; uma vista da traseira do caminho que o carro está a fazer.)</p> |
| <p>3.</p> <p>EXT. CAMINHO A PÉ PARA O POÇO - ARVOREDO - TARDE</p> <p>Gabriel caminha por entre a floresta até chegar ao Poço Ribeira do Ferreiro.</p> <p>EXT. POÇO RIBEIRA DO FERREIRO - TARDE</p> <p>Gabriel almoça dois pães com bifana, acompanhados de uma garrafa de cerveja. Está sentado num tronco caído com vista para o lago estático e as cascatas barulhentas.</p> <p>Vista superior do lago estático.</p> <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. TERRA - FIM DE TARDE</p> <p>Sombra de uma pessoa a andar na terra.</p> <p>GABRIEL</p> <p>Talvez aprender a solidão seja perceber o que representamos no universo. Talvez não representemos nada, o que me parece impossível.</p> <p>Não sei se creio na imortalidade da alma. Todo o rasto que deixamos é uma conversa com homens que, três minutos ou três mil anos depois, nos descobrem a presença. (...)</p> <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. POÇO RIBEIRA DO FERREIRO - TARDE</p> <p>Água a cair violentamente da cascata.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Tudo parece fundir-se na floresta verde metida neste buraco formidável onde não há viválua. Acho tudo esplêndido e perdia outras tantas horas diante do que é eterno. É que tudo, até as coisas, são para mim seres de uma vida extraordinária.</p> <p>Para mim, aprender a solidão é perceber que a solidão não existe. Os homens sós percebem que há alguém na água, na pedra, no vento, no fogo. Há alguém na terra. (...)</p> | <p>4.</p> <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. FLORESTA DO POÇO - TARDE</p> <p>Silhueta das árvores com a luz do sol.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Há alguém nesta mão que me prende e me sustenta e que tanta força tem.</p> <p>EXT. ESTÁBULO - TARDE</p> <p>Gabriel entra no estábulo da Mimosa. Há um momento de carinho entre os dois, onde percebemos a ligação íntima que existe entre o animal e o humano.</p> <p>EXT. CAMINHO PARA O PASTO - ESTRADA INFINITA - TARDE</p> <p>Gabriel caminha com a Mimosa até ao pasto, apoiando-se numa vara. Primeiro, passam pela estrada infinita. Ouvimos apenas os sons da natureza e os mugidos que a Mimosa vai fazendo.</p> <p>EXT. CAMINHO PARA O PASTO - CASA DOS PAIS - TARDE</p> <p>Numa vista lateral muito geral, Gabriel e Mimosa passam por uma casa abandonada - a casa onde Gabriel passou toda a sua infância com os pais. Eles continuam o caminho até desaparecerem mas o plano mantém-se só com a casa durante uns segundos.</p> <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. MIRADOURO - TARDE</p> <p>A sombra das nuvens nas montanhas.</p> <p>GABRIEL</p> <p>Lá está a velha casa abandonada. A bica deita a mesma água indiferente e os pássaros assobiam a mesma melodia que retenho na memória com raízes cada vez mais profundas. O murmúrio não me sairá dos ouvidos até à hora da morte.</p> <p>Ouço hoje como ontem os passos firmes do meu pai; cheiro hoje como ontem o aroma a pão de trigo dos abraços da minha mãe... Tudo mudou.</p> <p>E não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar. (...)</p> |

5.

EXT. CAMINHO PARA O PASTO - ESTRADA LAGOA - TARDE

Voltamos ao caminho do Gabriel com Mimosa num plano muito geral superior. Uma lagoa negra enorme encontra-se ao lado da estrada, e reflete o céu.

GABRIEL

(...) A minha alegria em velho era ter aqui o meu pai. Não é só saudade: é uma impressão física. Agora é que acharia encanto até às lágrimas em termos a mesma idade, conversarmos, e morreremos ao mesmo tempo. Estar morto deve ser inteligente. O corpo é um traste. A alma deve ser incrível. Quando me vir ao espelho e só ali estiver a alma vou pasmar de maravilha... Maravilhado com o que realmente sou.

EXT. CAMINHO PARA O PASTO - FLORESTA ADORMECIDA - TARDE

De seguida, passam pela floresta adormecida. Caminham em silêncio.

EXT. CAMINHO PARA O PASTO - ESTRADA DO FAROL - TARDE

Por fim, a reta final em direção ao farol - onde termina a caminhada e chegam ao pasto.

EXT. FAROL DA PONTA DO ALBERNAZ - TARDE

Enquanto a Mimosa pasta ao ar livre, Gabriel caminha junto ao farol e senta-se no muro a observar o mar no horizonte, enquanto fuma um cigarro.

GABRIEL

Pergunto-me se dizer o teu nome é manter-te a beleza como manter-te a vida.

Tinhas o nome mais sonante e evocavas de ti o mais sereno azul dos olhos e a mais sincera maneira de ser mulher. Sempre que o digo em voz alta, subitamente estás viva. Ainda que as palavras sejam objetos magrinhos, mais magrinhos do que eu. Estás aqui. Estás lá. Estás em todo o lado. (...)

6.

IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. MAR - TARDE

Mar agitado.

GABRIEL

(...) Eu bem sei que é mentira. Mas é como se, sem ti, tudo perdesse o conteúdo, tudo ficasse oco. Como se tu fosses o dentro de tudo. O dentro das árvores, o dentro das pedras, o dentro de todos os sons, das paisagens, das montanhas acentuadas, da profundidade do verde e do azul do mar, a chuva de todos os dias. O dentro de mim. Mas então afinal, a que se reduz a vida? A um momento de amor e mais nada? (...)

Bando de pássaros a passar no céu.

GABRIEL

(...) Agora, tudo aqui está oco.

Tudo o que sei de belo aprendi-o no teu tempo. Tudo me vem do teu tempo... Depois, mais nada. Nunca mais. Nunca a terra me voltou a induzir o mesmo calor e o mesmo encanto que valesse o dos quatro palmos do nosso quintal onde permanecias horas a fio, nos teus encontros diários a sós com a alma. (...)

IMAGEM SIMBÓLICA - INT. FAROL - FIM DE TARDE

Caracol das escadas do farol com luz vermelha ao fundo.

GABRIEL

(...) Se por magia negra conseguisse que me voltasses a tocar, teria valido a pena. Todos os modos seriam legítimos para que me garantisses saber de mim. Todos. (...)

7.

Sombra da luz do farol a rodar nas paredes.

GABRIEL

(...) Podes vir como te for mais fácil. Eu nunca terei medo de ti, nem mesmo se agora a terra se abrisse e eu te caísse sobre o corpo desfeito. O teu corpo desfeito nunca me será horrível e nunca me impediria de te abraçar ou de te beijar, porque o teu corpo é o futuro do meu. (...)

EXT. CAMINHO PASTO - FIM DE TARDE

Gabriel caminha de volta para o pasto. Vê-se as montanhas ao fundo, dando a entender o isolamento do local.

EXT. PASTO - FIM DE TARDE

A Mimosa pasta tranquilamente.

GABRIEL

O mundo que me rodeia comunica-me a sua vida.

Recordo ainda hoje a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no inverno em que secou. São nada. São efetivamente nada. No entanto, reconheço que são agora a melhor parte da minha existência.

Vista superior muito geral do Gabriel deitado na relva, com as mãos por detrás da nuca e as pernas cruzadas.

GABRIEL

Esta paisagem - o rio, o mar, o verde e o céu - entranhou-se-me na alma, não como paisagem mas como sentimento. É mágoa, mas não é bem mágoa. Isto vem de muito fundo.

Plano muito próximo da cara de Gabriel.

GABRIEL

É o trabalho compensado - é cada um no seu bocado de terra bem unido a si, o bocado para que se deita o primeiro olhar ao amanhecer e o último de despedida ao anoitecer. Tudo isto, todo este verde, todo este azul, me

(MAIS)

(CONTINUA)

8.

CONTINUA:

GABRIEL (CONTINUA)
entra pelos olhos e pela alma dentro.

IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. GRUTA - FIM DE TARDE/NOITE

Momento com uma atmosfera mística, que não pretende fazer parte da narrativa principal. É como um momento de imortalização de todas as memórias e pessoas que viveram na vida de Gabriel. É, também, como uma aceitação de que a vida tem um início e um fim.

Vista geral da luz do farol a rodar.

GABRIEL

Este rio segue o seu curso inalterável e incessante para aquele mar profundo. Mais perto, sempre mais perto o bafo salgado... E dou por mim a recordar a vida sem entender como não a soube preservar. Uma breve existência, uma humidade que se cola à boca e às mãos, e a escuridão - mas a escuridão como um ser imenso que não distingo e de quem sinto o contacto. Pouco a pouco, o círculo da minha vida restringe-se a um só ponto. Como um velho búzio que guarda distintamente a grande voz do mar. Criou-se com ele e guardou-a para sempre, na esperança de voltar. Eu também não a esqueci. E já me não me mete medo, o mar. (...)

IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. FAROL - FIM DE TARDE/NOITE

GABRIEL

(...) O que revivo mais profundamente é a própria vida com um encanto que não torna. E compreendo que toda esta cor que desapareceu e teima em reluzir, corresponde a um único momento em que se descobre o mundo que morre e que se fixa, por fim, na saudade e na ternura. Se isto é ternura, a ternura é o que há de melhor no mundo. Se é saudade, a morte é o que há de melhor na vida. Resto-me eu e a expressão de uns olhos húmidos que me seguem sempre até ao fim.

APÊNDICE G

Storyboard

FUNDO PRETO

GABRIEL

A humanidade começa nos que te rodeiam e não exatamente em ti. Ser-se alguém implica a tua mãe, o teu pai, as tuas pessoas. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão como uma coisa qualquer.

IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. FAROL - FIM DE TARDE/NOITE
[igual ao último plano do filme]

GABRIEL

A beleza do mundo está sempre em alguém. Se não houver ninguém, será que a lagoa é bela? Ainda que as palavras sejam débeis e as usemos por pura ilusão, todas as lagoas do mundo dependem de sermos pelo menos dois. Para que um veja e o outro ouça. (...)

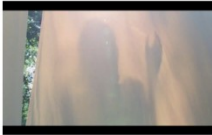
EXT. CASA - MANHÃ

Vista próxima dos lençóis e camisas no estendal, que esvoaçam graças ao vento que se faz sentir. Por entre a roupa que flutua, avista-se a cara de Gabriel, ainda de pijama, enquanto retira a roupa do estendal.


GABRIEL

(...) E aqui estou eu à espera de quem passa - e não passa ninguém.


Aqui onde acabam as palavras, aqui onde começa o mundo que conheço. Aqui neste tremendo isolamento onde a vida artificial está reduzida ao mínimo, só as coisas eternas perduram. (...)



CENA 2 | PLANO 1 (50mm)
Plano de pormenor dos lençóis com as sombras do Gabriel atrás



CENA 2 | PLANO 2 (50mm) - EXTRA
Plano de outra perspetiva dos lençóis



CENA 2 | PLANO 3 (50mm) - EXTRA
Plano do interior da casa, da silhueta da janela com vista para o exterior, onde Gabriel se encontra no estendal

Vista muito geral sobre a casa. Gabriel recolhe toda a roupa do estendal e, de seguida, volta para o interior da casa. O plano mantém-se durante um tempo, de forma a dar importância ao isolamento do terreno e ao som da natureza em redor.

GABRIEL


(...) Não se pode fugir à monotonia da existência, à solidão que nos cerca, à arquitetura dos montes que apertam e esmagam. Aqui o mundo não tem peso mas nunca senti como aqui o peso da realidade e do tempo.

A cada hora que passa a vida parece ou muito complicada e misteriosa ou muito simples e evidente.


Aqui só há uma coisa a fazer: não é olhar para fora, é olhar para as almas.

INT. QUARTO - MANHÃ

Gabriel aparece em tronco nu, em contra luz da janela do quarto, a vestir a camisa e camisola.




CENA 3 | PLANO 1 (50mm?)
Plano médio de Gabriel a vestir-se, em contra-luz, com enquadramento centrado




CENA 3 | PLANO 2 (50mm?)
Plano médio de Gabriel a vestir-se, em contra-luz, com enquadramento centrado

INT. CASA DE BANHO - MANHÃ

Gabriel apara minuciosamente a barba na casa de banho, em frente ao espelho.




CENA 4 | PLANO 1 (28mm)
Plano geral de Gabriel na lateral. Enquadramento: personagem à direita; à esquerda, um bocado da parede desfocada.




CENA 4 | PLANO 2 (28mm) - EXTRA
Plano geral de Gabriel de costas. Vemos a cara dele pelo espelho.

EXT. JARDIM DA CASA - MANHÃ

Gabriel apara a relva com o corta-relvas automático.



CENA 5 | PLANO 1 (50mm)
Plano médio e/ou geral de Gabriel com o corta-relvas. Enquadramento baixo



CENA 5 | PLANO 2 (drone)
Plano muito geral superior. Gabriel pequenino no meio da natureza. Importante: não apanhar outras casas no plano.

EXT. CASA - MANHÃ

Vista frontal da casa. Gabriel acaba de cortar a relva e desliga a máquina. Por fim, silêncio. Ouve-se as notícias no rádio antigo, já ligado, que se encontra no parapeito da janela de casa. Gabriel volta a entrar. O plano mantém-se mas conseguimos vê-lo na cozinha através da porta, que está aberta.



CENA 5 | PLANO 3 (28mm)

Plano geral da casa com enquadramento mais fechado que o inicial. A mesa com o rádio aparece num dos cantos do plano, com ligeiro desfoque. Gabriel aparece na porta da cozinha, aberta e centrada no plano. (ver plano Cavalo de Turim)

EXT. CARRO - MANHÃ

Ouve-se o rádio do carro, sintonizado na mesma estação do rádio antigo de casa. Gabriel conduz para o local onde costuma almoçar todos os dias, sozinho.



CENA 6 | PLANO 1 (50mm ou 28mm)

Plano médio/próximo de Gabriel a conduzir dentro do carro. Enquadramento lateral. Nota: utilizar estabilizador.



CENA 6 | PLANO 2 (50mm ou 28mm)

Plano geral da vista da traseira do caminho que o carro está a fazer.



CENA 6 | PLANO 3 (drone)

Plano muito geral e superior do carro na estrada.

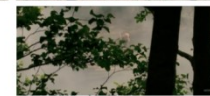
EXT. CAMINHO A PÉ PARA O POÇO - ARVOREDO - TARDE

Gabriel caminha por entre a floresta até chegar ao Poço Ribeira do Ferreiro.



CENA 7 | PLANO 1 (28mm)

Plano com Gabriel na lateral à andar por entre as árvores. Enquadramento que apanhe parte de um tronco e com grande profundidade de campo.



EXT. POÇO RIBEIRA DO FERREIRO - TARDE

Gabriel almoça dois pães com bifana, acompanhados de uma garrafa de cerveja. Está sentado num tronco caído com vista para o lago estático e as cascatas barulhentas.



CENA 8 | PLANO 1 (28mm) + PLANO 2 (drone)

Plano muito geral com Gabriel de costas (ou na lateral), sentado de frente para a lagoa.

CENA 8 | PLANO 3 (50mm)

Plano de pormenor do rosto de Gabriel a comer

CENA 8 | PLANO 4 (50mm)

Plano de pormenor das mãos com a comida "rústica"



CENA 8 | PLANOS EXTRAS (50mm e/ou 28 mm)

Planos gerais, médios e/ou de pormenor que reforcem a lagoa e os seus reflexos.

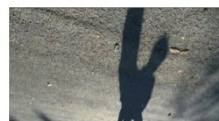
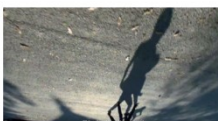
IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. PRAIA - FIM DE TARDE

Sombra de uma pessoa a andar na terra.

GABRIEL

Talvez aprender a solidão seja perceber o que representamos no universo. Talvez não representemos nada, o que me parece impossível.

Não sei se creio na imortalidade da alma. Todo o rasto que deixamos é uma conversa com homens que, três minutos ou três mil anos depois, nos descobrem a presença. (...)



CENA 8 | PLANO 5 (50mm ou 28mm)

Plano do chão com a sombra de Gabriel. Importante: tem que ser filmado num local e momento do dia em que a luz permita fazer este tipo de filmagem. Talvez na praia, nas rochas ou areia molhada.

IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. POÇO RIBEIRA DO F. - TARDE

Água a cair violentamente da cascata.

GABRIEL

(...) Tudo parece fundir-se na floresta verde metida neste buraco formidável onde não há vivalma. Acho tudo esplêndido e perdia outras tantas horas diante do que é eterno. É que tudo, até as coisas, são para mim seres de uma vida extraordinária.

Para mim, aprender a solidão é perceber que a solidão não existe. Os homens só percebem que há alguém na água, na pedra, no vento, no fogo. Há alguém na terra. (...)



CENA 8 | PLANO 6 (drone)





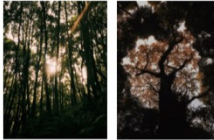







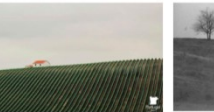

Plano superior de pormenor da água a cair da cascata


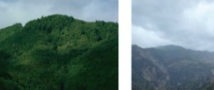
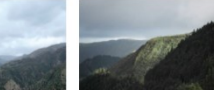
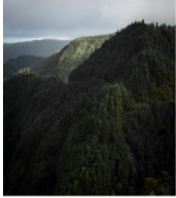





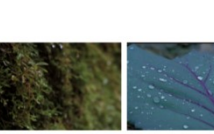


CENA 8 | PLANO 7 - EXTRA (drone)












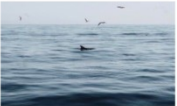

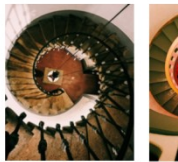

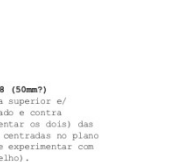
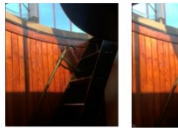
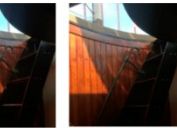
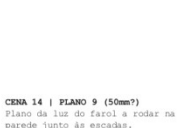



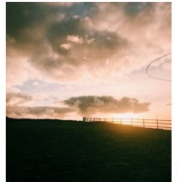


Plano frontal de pormenor da água a cair da cascata

CENA 8 | PLANO 8 - EXTRA (drone)

Plano superior geral da água a cair da cascata

| | |
|---|---|
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. FLORESTA - TARDE Silhueta das árvores com a luz do sol.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Há alguém nesta mão que me prende e me sustenta e que tanta força tem.</p> |    <p>CENA 8 PLANO 9 (50mm) Planos médios em contra picado de silhuetas das árvores</p>   |
| <p>EXT. ESTÁBULO - TARDE</p> <p>Gabriel entra no estábulo da Mimosa. Há um momento de carinho entre os dois, onde percebemos a ligação íntima que existe entre o animal e o humano.</p> |    <p>CENA 9 PLANO 1 (28mm) Plano geral do exterior do estábulo com a porta enquadrada no lado esquerdo do plano. (ver mais 1 exemplo - Cavalos de Turin)</p> <p>CENA 9 PLANO 2 (50mm) Plano médio com o rosto da Mimosa de frente e da interação entre os dois.</p> <p>CENA 9 PLANO 3 - EXTRA (50mm) Plano próximo com o rosto da Mimosa na lateral e da interação entre os dois.</p> |
| <p>EXT. CAMINHO PARA O PASTO - ESTRADA - TARDE</p> <p>Gabriel caminha com a Mimosa até ao pasto, apoiando-se numa vara. Primeiro, passam pela estrada infinita. Ouvimos apenas os sons da natureza e os mugidos que a Mimosa vai fazendo.</p> |    <p>CENA 10 PLANO 1 (28mm) Plano muito geral, entre o nível do chão e as personagens, a caminharem desde longe, em direção à câmara.</p> |
| <p>EXT. CAMINHO PARA O PASTO - CASA DOS PAIS - TARDE</p> <p>Numa vista lateral muito geral, Gabriel e Mimosa passam por uma casa abandonada - a casa onde Gabriel passou toda a sua infância com os pais. Eles continuam o caminho até desaparecerem mas o plano mantém-se só com a casa durante uns segundos.</p> |    <p>CENA 11 PLANO 1 (28mm) Plano muito geral e lateral, com a casa enquadrada à esquerda e os personagens a passarem até saírem do plano.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. MIRADOURO - TARDE A sombra das nuvens nas montanhas.</p> <p>GABRIEL</p> <p>Lá está a velha casa abandonada. A bica deita a mesma água indiferente e os pássaros assobiam a mesma melodia que retenho na memória com raízes cada vez mais profundas. O murmúrio não me sairá dos ouvidos até à hora da morte.</p> <p>Ouço hoje como ontem os passos firmes do meu pai; cheiro hoje como ontem o aroma a pão de trigo dos abraços da minha mãe... Tudo mudou.</p> <p>E não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar. (...)</p> |     <p>CENA 11 PLANO 2 (28mm e/ou drone) Plano muito geral da vista das montanhas com sombras nuvens a passar - timelapse subtil.</p> |
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. LAGOA NEGRA - TARDE Uma lagoa negra enorme, metida no meio da natureza, que reflete o céu.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) A minha alegria em velho era ter aqui o meu pai. Não é só saudade: é uma impressão física. Agora é que acharia encanto até às lágrimas em termos a mesma idade, conversarmos, e morreremos ao mesmo tempo. Estar morto deve ser inteligente. O corpo é um traste. A alma deve ser incrível. Quando me vir ao espelho e só ali estiver a alma vou pasmar de maravilha... Maravilhado com o que realmente sou.</p> |    <p>CENA 11 PLANO 3 (drone) Plano superior geral da lagoa</p> <p>CENA 11 PLANO 4 - EXTRA (28mm) Plano de pormenor da lagoa</p> <p>CENA 11 PLANO 5 - EXTRA (drone) Plano superior geral. Metade do plano é a lagoa, outra metade é reilvado (caso o plano 3 não resulte)</p> |
| <p>EXT. CAMINHO PARA O PASTO - FLORESTA - TARDE</p> <p>De seguida, passam pela floresta. Caminham em silêncio.</p> |     <p>CENA 12 PLANO 1 (28mm) Plano muito geral da floresta com os personagens a caminhar em direção à câmara. Plano ou ao nível do chão ou ao nível da vau</p> <p>CENA 12 PLANO 2 - EXTRA (50mm) Plano de pormenor de pingas (humanidade) a caírem</p> |
| <p>EXT. CAMINHO PARA O PASTO - ESTRADA DO FAROL - TARDE</p> <p>Por fim, a reta final em direção ao farol - onde termina a caminhada e chegam ao pasto.</p> |  <p>CENA 13 PLANO 1 (28mm) Plano geral da estrada até ao farol, com as personagens a caminharem de costas para a câmara até ao pasto.</p> |

| | | |
|--|---|---|
| <p>EXT. FAROL DA PONTA DO ALBERNAZ - TARDE</p> <p>Enquanto a Mimosa pasta ao ar livre, Gabriel caminha junto ao farol e senta-se no muro a observar o mar no horizonte, enquanto fuma um cigarro.</p> <p>GABRIEL</p> <p>Pergunto-me se dizer o teu nome é manter-te a beleza como manter-te a vida.</p> <p>Tinhas o nome mais sonante e evocavas de ti o mais sereno azul dos olhos e a mais sincera maneira de ser mulher. Sempre que o digo em voz alta, subitamente estás viva. Ainda que as palavras sejam objetos magrinhos, mais magrinhos do que eu. Estás aqui. Estás lá. Estás em todo o lado. (...)</p> |     | <p>CENA 14 PLANO 1 (28mm) Plano geral de Gabriel a passar pelo farol para se aproximar do mar.</p> <p>CENA 14 PLANO 2 (28mm) Plano geral de Gabriel sentado na berna, de frente para o mar. Plano ao nível do horizonte do mar, com enquadramento do personagem à esquerda.</p> <p>CENA 14 PLANO 3 (28mm) Planos gerais e médios do mar e das ondas do mar a baterem e a chegar à areia.</p> <p>CENA 14 PLANO 4 (50mm) Planos próximos das ondas e espuma do mar agitado.</p> |
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. MAR - TARDE</p> <p>Mar agitado.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Eu bem sei que é mentira. Mas é como se, sem ti, tudo perdesse o conteúdo, tudo ficasse oco. Como se tu fosses o dentro de tudo. O dentro das árvores, o dentro das pedras, o dentro de todos os sons, das paisagens, das montanhas acentuadas, da profundidade do verde e do azul do mar, a chuva de todos os dias. O dentro de mim. Mas então afinal, a que se reduz a vida? A um momento de amor e mais nada? (...)</p> |       | <p>CENA 14 PLANO 5 (drone) Planos aéreos (não 100% superiores) da ondulação serena do mar, que cobre o plano todo.</p> <p>CENA 14 PLANO 6 (28mm) Planos gerais (contra picado) do céu com pássaros a passar.</p> <p>CENA 14 PLANO 7 - EXTRA (28mm) Planos gerais (contra picado) das nuvens a passar - subtil timelapse.</p> <p>CENA 14 PLANO 8 (50mm?) Plano geral vista superior e/ou inferior (picado e contra picado - experimentar os dois) das escadas do farol centradas no plano (possibilidade de experimentar com e sem filtro vermelho).</p> <p>CENA 14 PLANO 9 (50mm?) Plano da luz do farol a rodar na parede junto às escadas.</p> <p>CENA 14 PLANO 10 - EXTRA (50mm?) Plano da luz do farol a rodar, simetricamente enquadrado.</p> |
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - EXT. CÉU - TARDE</p> <p>Bando de pássaros a passar no céu.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Agora, tudo aqui está oco.</p> <p>Tudo o que sei de belo aprendi-o no teu tempo. Tudo me vem do teu tempo... Depois, mais nada. Nunca mais. Nunca a terra me voltou a induzir o mesmo calor e o mesmo encanto que valesse o dos quatro palmos do nosso quintal onde permanecias horas a fio, nos teus encontros diários a sós com a alma. (...)</p> |    | <p>CENA 14 PLANO 5 (drone) Planos aéreos (não 100% superiores) da ondulação serena do mar, que cobre o plano todo.</p> <p>CENA 14 PLANO 6 (28mm) Planos gerais (contra picado) do céu com pássaros a passar.</p> <p>CENA 14 PLANO 7 - EXTRA (28mm) Planos gerais (contra picado) das nuvens a passar - subtil timelapse.</p> <p>CENA 15 PLANO 1 (28mm) Plano geral do Gabriel a caminhar de volta para onde está a Mimosa.</p> <p>CENA 16 PLANO 1 (28mm) Plano geral da Mimosa no pasto.</p> <p>CENA 16 PLANO 2 (50mm) Plano próximo da Mimosa a comer.</p> |
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - INT. FAROL - FIM DE TARDE</p> <p>Caracol das escadas do farol com luz vermelha ao fundo.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Se por magia negra conseguisse que me voltasses a tocar, teria valido a pena. Todos os modos seriam legítimos para que me garantisses saber de mim. Todos. (...)</p> |    | <p>IMAGEM SIMBÓLICA - INT. FAROL - FIM DE TARDE Sombra da luz do farol a rodar nas paredes.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Podes vir como te for mais fácil. Eu nunca terei medo de ti, nem mesmo se agora a terra se abrisse e eu te caísse sobre o corpo desfeito. O teu corpo desfeito nunca me será horrível e nunca me impediria de te abraçar ou de te beijar, porque o teu corpo é o futuro do meu. (...)</p> <p>EXT. CAMINHO PASTO - FIM DE TARDE</p> <p>Gabriel caminha de volta para o pasto. Vê-se as montanhas ao fundo, dando a entender o isolamento do local.</p> <p>EXT. PASTO - FIM DE TARDE</p> <p>A Mimosa pasta tranquilamente.</p> <p>GABRIEL</p> <p>O mundo que me rodeia comunica-me a sua vida. Recordo ainda hoje a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no inverno em que secou. São nada. São efetivamente nada. No entanto, reconheço que são agora a melhor parte da minha existência.</p> |
| <p>IMAGEM SIMBÓLICA - INT. FAROL - FIM DE TARDE</p> <p>Sombra da luz do farol a rodar nas paredes.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Podes vir como te for mais fácil. Eu nunca terei medo de ti, nem mesmo se agora a terra se abrisse e eu te caísse sobre o corpo desfeito. O teu corpo desfeito nunca me será horrível e nunca me impediria de te abraçar ou de te beijar, porque o teu corpo é o futuro do meu. (...)</p> |    | <p>IMAGEM SIMBÓLICA - INT. FAROL - FIM DE TARDE Sombra da luz do farol a rodar nas paredes.</p> <p>GABRIEL</p> <p>(...) Podes vir como te for mais fácil. Eu nunca terei medo de ti, nem mesmo se agora a terra se abrisse e eu te caísse sobre o corpo desfeito. O teu corpo desfeito nunca me será horrível e nunca me impediria de te abraçar ou de te beijar, porque o teu corpo é o futuro do meu. (...)</p> <p>EXT. CAMINHO PASTO - FIM DE TARDE</p> <p>Gabriel caminha de volta para o pasto. Vê-se as montanhas ao fundo, dando a entender o isolamento do local.</p> <p>EXT. PASTO - FIM DE TARDE</p> <p>A Mimosa pasta tranquilamente.</p> <p>GABRIEL</p> <p>O mundo que me rodeia comunica-me a sua vida. Recordo ainda hoje a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no inverno em que secou. São nada. São efetivamente nada. No entanto, reconheço que são agora a melhor parte da minha existência.</p> |
| <p>EXT. CAMINHO PASTO - FIM DE TARDE</p> <p>Gabriel caminha de volta para o pasto. Vê-se as montanhas ao fundo, dando a entender o isolamento do local.</p> |    | <p>CENA 15 PLANO 1 (28mm) Plano geral do Gabriel a caminhar de volta para onde está a Mimosa.</p> <p>CENA 16 PLANO 1 (28mm) Plano geral da Mimosa no pasto.</p> <p>CENA 16 PLANO 2 (50mm) Plano próximo da Mimosa a comer.</p> |
| <p>EXT. PASTO - FIM DE TARDE</p> <p>A Mimosa pasta tranquilamente.</p> <p>GABRIEL</p> <p>O mundo que me rodeia comunica-me a sua vida. Recordo ainda hoje a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no inverno em que secou. São nada. São efetivamente nada. No entanto, reconheço que são agora a melhor parte da minha existência.</p> |    | <p>CENA 15 PLANO 1 (28mm) Plano geral do Gabriel a caminhar de volta para onde está a Mimosa.</p> <p>CENA 16 PLANO 1 (28mm) Plano geral da Mimosa no pasto.</p> <p>CENA 16 PLANO 2 (50mm) Plano próximo da Mimosa a comer.</p> |

Vista superior muito geral do Gabriel deitado na relva, com as mãos por detrás da nuca e as pernas cruzadas.

GABRIEL

Esta paisagem – o rio, o mar, o verde e o céu – entranhou-se-me na alma, não como paisagem mas como sentimento. É mágoa, mas não é bem mágoa. Isto vem de muito fundo.



CENA 16 | PLANO 3 (drone)
Plano muito geral aéreo com vista superior de Gabriel deitado no pasto, com a Mimosa a pastar, e todo aquele verde à volta.



CENA 16 | PLANO 4 – EXTRA (28mm)
Plano médio de Gabriel deitado no pasto.

Plano muito próximo da cara de Gabriel.

GABRIEL

É o trabalho compensado – é cada um no seu bocado de terra bem unido a si, o bocado para que se deita o primeiro olhar ao amanhecer e o último de despedida ao anoitecer. Tudo isto, todo este verde, todo este azul, me entra pelos olhos e pela alma dentro.



CENA 16 | PLANO 3 (50mm)
Plano de pormenor, picado, do olhar de Gabriel.

IMAGEM SIMBÓLICA – EXT. GRUTA – FIM DE TARDE/NOITE

Momento com uma atmosfera mística, que não pretende fazer parte da narrativa principal. É como um momento de imortalização de todas as memórias e pessoas que viveram na vida de Gabriel. É, também, como uma aceitação de que a vida tem um início e um fim.

GABRIEL

Este rio segue o seu curso inalterável e incessante para aquele mar profundo.
Mais perto, sempre mais perto o bafo salgado... E dou por mim a recordar a vida sem entender como não a soube preservar. Uma breve existência, uma humidade que se cola à boca e às mãos, e a escuridão – mas a escuridão como um ser imenso que não distingo e de quem sinto o contacto. Pouco a pouco, o círculo da minha vida restringe-se a um só ponto. Como um velho búzio que guarda distintamente a grande voz do mar. Criou-se com ele e guardou-a para sempre, na esperança de voltar. Eu também não a esqueci.
E já me não me mete medo, o mar. (...)

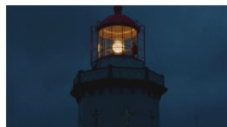


CENA 17 | PLANO 1 (28mm?)
Plano geral da gruta com o mar ao fundo.

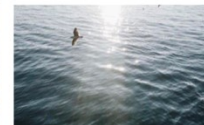
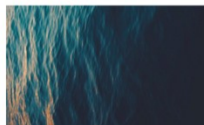
IMAGEM SIMBÓLICA – EXT. FAROL – FIM DE TARDE/NOITE [igual ao primeiro plano do filme]

GABRIEL

(...) O que revivo mais profundamente é a própria vida com um encanto que não torna. E compreendo que toda esta cor que desapareceu e teima em reluzir, corresponde a um único momento em que se descobre o mundo que morre e que se fixa, por fim, na saudade e na ternura. Se isto é ternura, a ternura é o que há de melhor no mundo. Se é saudade, a morte é o que há de melhor na vida. Resto-me eu e a expressão de uns olhos húmidos que me seguem sempre até ao fim.



CENA 17 | PLANO 2 (28mm?)
Plano médio da parte superior do farol, centrado ou enquadrado à esquerda, com a luz que vai girando.



CENA 17 | PLANO 3 (drone) Planos aéreos (não 100% superiores) da ondulação serena do mar, que cobre o plano todo.

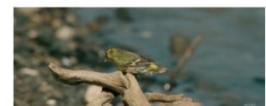
PLANOS EXTRAS



1. GATOS
Planos do personagem com o/os gatos dele, ou apenas dos gatos em si que estão pela casa.



2. NASCIMENTO BEZERRO



2. PLANOS DE PAISAGEM (PORMENOR)

APÊNDICE H

E-mail Direção de Faróis

Exma. Senhora

Maria Canela

Agradecemos desde logo o V/contacto.

No seguimento do solicitado, somos a informar que foi superiormente autorizada a realização de filmagens no Farol de Albarnaz, devendo os elementos recolhidos destinar-se exclusivamente para fins académicos.

Deverão ser tidas em conta as questões de segurança já referidas anteriormente, alertando ainda (caso o pretendam) que o uso de "drones" para a captação de imagens carece igualmente de autorização da Capitania do Porto da área respetiva, assim como, da salvaguarda das disposições legais relativas à sua utilização.

Para acerto de pormenores no local deverá contactar antecipadamente o Chefe do Farol (Faroleiro 1CL Rui Silva) através do nº. Tlm 916199629

Com os melhores cumprimentos,

Rui Manuel Pacheco Fernandes
Faroleiro de 2ª Classe



Direção de Faróis
Divisão de Estudos e Projetos
Adjunto de Relações Públicas
Estrada Marginal - 2770-210 Paço de Arcos
TEL: 211 594 215 | RTM: 30 79 15
TEL: 214 411 660
E-mail: dfarois.rp@amn.pt
www.amn.pt

APÊNDICE I

Cartaz

